

Editora Ponto de Fuga: Relato de um Estágio Onde o Tempo Foge

Mariana Bento Félix

Relatório de Estágio de Mestrado em Edição de Texto

março 2024

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários
à obtenção do grau de Mestre de Edição de Texto sob a orientação científica da
Professora Doutora Paula Cristina Lopes da Costa.

Para a minha mãe, que acreditou sempre em mim.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por ter sido o meu porto seguro em todos os momentos em que duvidei das minhas capacidades.

À minha cadelinha, Molly, por todas as tardes em que aqueceu o meu coração enquanto eu estava a trabalhar.

Aos meus amigos, Carlota, Cristiano e Maria, por terem lido o meu relatório e dado a sua opinião, demonstrando, assim, que os maiores atos de amizade estão em todas estas pequenas coisas.

À professora Paula Costa, pela amabilidade de ter aceitado ser minha orientadora e por todos os conselhos que me deu.

Ao Vladimiro Nunes, por me ter aberto as portas da sua editora e por ter sido sempre tão cuidadoso comigo.

EDITORA PONTO DE FUGA: RELATO DE UM ESTÁGIO ONDE O TEMPO FOGE

MARIANA BENTO FÉLIX

RESUMO

O presente relatório, elaborado para a obtenção do grau de mestre em Edição de Texto, sob a orientação científica de Paula Cristina Lopes da Costa, pretende descrever a experiência de estágio na editora Ponto de Fuga, que decorreu entre os meses de setembro e dezembro de 2023.

Para este efeito, este relatório será dividido em quatro momentos: um primeiro momento, onde falarei daquilo que antecedeu o meu primeiro contacto com a Ponto de Fuga; um segundo momento, em que será feita uma breve descrição da história da editora, bem como dos seus objetivos; um terceiro momento, onde falarei das tarefas que realizei no âmbito do estágio, descrevendo-as devidamente; e, por fim, um quarto, e último momento, em que farei um balanço da minha experiência na Ponto de Fuga.

PALAVRAS-CHAVE: Edição de Texto; Estágio; Ponto de Fuga; Revisão de Texto

EDITORA PONTO DE FUGA: RELATO DE UM ESTÁGIO ONDE O TEMPO FOGE

MARIANA BENTO FÉLIX

ABSTRACT

This report, written to obtain a master's degree in Text Editing, under the scientific supervision of Paula Cristina Lopes da Costa, aims to describe the internship experience at the Ponto de Fuga publishing house, which took place between September and December 2023.

To this end, this report will be divided into four parts: a first part, in which I will talk about what preceded my first contact with Ponto de Fuga; a second part, in which I will briefly describe the history of the publishing house, as well as its objectives; a third part, in which I will talk about the tasks I carried out as part of the internship, describing them properly; and finally, a fourth and final part, in which I will take stock of my experience at Ponto de Fuga.

KEYWORDS: Internship; Proofreading; Text Editing; Ponto de Fuga

ÍNDICE

Introdução.....	1-3
1. A Editora Ponto de Fuga	4-6
2. O Estágio: Tarefas	7-8
2.1. Revisão de <i>A Autobiografia de Alice B. Toklas</i> de Gertrude Stein	8-11
2.2. Revisão de <i>Angelina e o Bode</i> de Celeste Andrade	11-16
2.3 Revisão de datiloscritos de Natália Correia	16-20
2.4 Revisão de Romances de Natália Correia — <i>A Estrela de Cada Um, A Madona e Anoi-teceu no Bairro</i>	21-24
3. Conclusão	25
Bibliografia	26
Anexos	
Grupo I – <i>A Autobiografia de Alice B. Toklas</i>	
Anexo A – PDF da Edição Anterior da Ponto de Fuga do livro <i>A Autobiografia de Alice B. Toklas</i>	-1-
Anexo B – Word do PDF de <i>A Autobiografia de Alice B. Toklas</i>	-1-
Anexo B.1. – Cores atribuídas para destacar as referências pedidas no ficheiro Word de <i>A Autobiografia de Alice B. Toklas</i>	-2-
Grupo II – <i>Angelina e o Bode</i>	
Anexo C – PDF da digitalização da obra <i>Angelina e o Bode</i>	-2-

Anexo D – Ficheiro em formato TXT da obra <i>Angelina e o Bode</i>	-3-
Anexo D.1. – Numeração de cada página presente no formato TXT da obra <i>Angelina e o Bode</i>	-3-
Anexo E – Documento Word criado por mim com base no ficheiro em formato TXT da obra <i>Angelina e o Bode</i>	-4-
Anexo F – Datiloscritos de Natália Correia no Google Drive	-4-
Anexo F.1. – Opção de abrir os ficheiros com o Google Docs.	-5-
Anexo F.2. – Texto criado pelo Docs. a partir dos ficheiros digitalizados	-5-
Anexo F.3. – Notas de Natália Correia presentes nos datiloscritos	-6-
Grupo IV – Romances de Natália Correia (<i>A Estrela de Cada Um</i> , <i>Anoiteceu no Bairro</i> e <i>A Madona</i>)	
Anexo G – Sugestão de colocar palavra de origem francesa em itálico na obra <i>Anoiteceu no Bairro</i>	-6-
Anexo G.1. – Sugestão de inserção de vírgula em <i>Anoiteceu no Bairro</i>	-7-
Anexo G.2. – Sugestão de inserção de vírgula e identificação de gralha na obra <i>Anoiteceu no Bairro</i>	-7-
Anexo I – Ficheiro PDF da digitalização da obra <i>A Estrela de Cada Um</i>	-8-
Anexo J – Sugestão de inserção de vírgula em frases da obra <i>A Estrela de Cada Um</i>	-8-
Anexo J.1. – Sugestão de inserção de vírgulas e identificação de gralhas nas frases da obra <i>A Estrela de Cada Um</i>	-9-
Anexo J.2. – Identificação de gralha numa frase de <i>A Estrela de Cada Um</i>	-9-
Anexo K – Ficheiro PDF da digitalização de <i>A Madona</i>	-10-
Anexo L – Exemplo de frases separadas no ficheiro Word de <i>A Madona</i>	-10-

Anexo L.1. – Desformatação do corpo do texto do ficheiro Word da obra <i>A Madona</i>	-11-
Anexo L.2. – Segundo exemplo de desformatação do corpo do texto do ficheiro Word da obra <i>A Madona</i>	-11-
Anexo M – Sugestão de inserção de vírgula em frases de <i>A Madona</i>	-12-
Anexo M.1. – Identificação de gralhas e sugestão de inserção de vírgula em frases de <i>A Madona</i>	-12-
Grupo V – <i>Breve História da Mulher e Outros Escritos</i>	
Anexo N – Ficheiro PDF da digitalização da obra <i>Breve História da Mulher e Outros Escritos</i>	-13-
Anexo O – Sugestão de inserção de vírgula	-13-
Anexo O.1. – Identificação de uma gralha	-14-
Anexo O.2. – Sugestão de colocação em itálico	-14-

INTRODUÇÃO

“Os meus mestres foram todos os homens e mulheres que me deslumbraram em leitura e não só: em exemplos de vida.”

(Correia, 1983)

O presente relatório, realizado no âmbito da componente não-letiva do Mestrado em Edição de Texto, propõe-se a descrever e a analisar a minha experiência enquanto estagiária na Editora Ponto de Fuga. Além disto, também é pretendido questionar os conhecimentos obtidos durante este estágio realizado entre setembro e dezembro de 2023.

Desde que me lembro, sempre tive um enorme fascínio pelo mundo editorial, ainda que, em tenra idade, esse sentimento assolapado apenas se manifestasse através do meu grande apreço pelos livros. Ser apaixonada por belas histórias e pelo corpo que lhes é construído é-me natural e, como tal, desde que me inseri neste mestrado, foquei-me inteiramente no meu principal objetivo: encontrar um estágio que me oferecesse a oportunidade de saber o que é estar por dentro do processo de dar vida às narrativas.

Foi necessário algum tempo até o meu desejo encontrar uma casa. Embora eu tenha começado a enviar *e-mails* com bastante antecedência, o desânimo começou a apoderar-se de mim lentamente. Apesar da minha procura exaustiva, as respostas não surgiam ou, quando surgiam, não eram as que eu ambicionava. Felizmente, a paixão pela leitura, o meu grande amparo durante este período, fez-me tomar conhecimento da existência de uma lenda chinesa, *Unmei No Akai To*, ou, traduzindo para o nosso português, *A Lenda do Fio Vermelho*. Resumidamente, esta sabedoria e intuição japonesa acredita que todos os seres humanos têm um fio vermelho invisível no dedo mindinho que as conecta a outras pessoas. Independentemente do tempo ou da distância, todos aqueles que estão ligados através desse mesmo fio irão encontrar-se e,

assim, concretizar o seu propósito. Posto isto, gosto de pensar que foi isso que aconteceu no dia em que recebo a chamada telefónica do Vladimiro Nunes, um dos fundadores da Ponto de Fuga.

Recordo-me de que, quando iniciámos o diálogo e eu me apercebi de que estava a falar com alguém da editora, todo o meu sistema nervoso colapsou. Até à data, eu só tinha enviado um *e-mail* e, como não tinha obtido uma resposta, não estava à espera de que me telefonassem diretamente. A verdade é que, mesmo no meio deste turbilhão de pensamentos, a minha conversa com o Vladimiro deixou-me tranquila de imediato. Contrariamente aquilo que eu temia, a nossa troca de palavras não foi excessivamente formal ou forçada, mas sim bastante natural. Primeiramente, debatemos interesses e preferências literárias, falando, nomeadamente, do que é que me tinha despertado o interesse em contactar a Ponto de Fuga. Neste sentido, confessei que tinha adquirido as obras *O Homem de Ferro* e *A Mulher de Ferro* de Ted Hughes e que ambas as edições me tinham deixado curiosa para saber mais acerca do trabalho da editora em questão. Assim, expliquei que, após alguma pesquisa e me ter apercebido de que me identificava com o trabalho da Ponto de Fuga, indo além do meu gosto pelas duas obras mencionadas, tinha decidido entrar em contacto.

De seguida, o Vladimiro perguntou qual seria o tipo de tarefa que eu teria maior gosto em realizar no âmbito do estágio, salientando o facto de que me colocava aquela questão para perceber onde é que os meus interesses poderiam encaixar no contexto da editora. Fiquei agradavelmente surpreendida com a pergunta e aproveitei a oportunidade para frisar o meu interesse na área de revisão de texto. Revelei que uma coisa que digo desde há muito tempo é que o meu sonho é ser revisora, mas que, de alguma forma, tinha receio de que essa minha ambição se prendesse a uma espécie de ideal proveniente da minha mente. Por outras palavras, eu tinha medo de descobrir que o meu trabalho de sonho não era bem aquilo que eu pensava e que, neste sentido, acreditava que o estágio me pudesse ajudar a fazer essa descoberta. Além disto, partilhei igualmente o meu gosto pela língua francesa e o meu consequente interesse pela área da tradução.

Por obra do destino, quiçá, a minha paixão pela revisão de texto encontrava um lugar na celebração do centenário de Natália Correia, onde seria necessário rever

diversas obras da autora, e o meu encanto pelo francês coincidia, por acaso, com a necessidade da Ponto de Fuga de ter uma ajuda extra na realização da tradução de manuscritos de Raul Brandão (mais no capítulo 2).

Posto isto, e para grande surpresa minha, o Vladimiro propôs-me que eu ficasse a estagiar na editora. Recordo-me bem das suas palavras no final da nossa conversa: “Não se preocupe, trate daquilo que é preciso com calma porque o seu estágio está assegurado”. Foi assim que a minha jornada na Ponto de Fuga se iniciou no mês de setembro.

Assim sendo, no primeiro capítulo deste relatório, apresentarei, de uma forma breve, a história e as ambições da editora Ponto de Fuga.

No segundo capítulo, relatarei em detalhe todo o meu processo de estágio, expondo as tarefas que por mim foram desenvolvidas e descrevendo-as devidamente.

Por fim, no terceiro capítulo, farei um balanço da minha experiência enquanto estagiária.

1. A EDITORA PONTO DE FUGA

Desde que comecei a trocar impressões com o Vladimiro Nunes, apercebi-me de que a Ponto de Fuga, uma editora de pequena dimensão mas feita a partir de grandes sonhos, não tem o mesmo objetivo que a maioria das restantes editoras.

Numa visão geral, o mundo editorial funciona como uma gigantesca máquina de produção onde tudo é feito em massa e apenas com uma coisa em vista: encontrar o próximo *best-seller*, aquele que se encaixa nos padrões de leitura que mais fazem vender, independentemente da qualidade do conteúdo. É evidente que são estratégias como essa que dão uma maior margem para que a dita máquina de produção continue a trabalhar num ritmo alucinante, mas também é crucial a existência de quem queira fazer a diferença através de meios distintos, como é o caso da Ponto de Fuga.

Efetivamente, esta editora, fundada por Vladimiro Nunes e a sua esposa Fátima Fonseca, nasceu graças ao desejo de ambos de fazer renascer grandes autores e obras há muito tempo esquecidos. Os dois queriam apostar num catálogo diverso e sem as restrições que sentiam ser tão persistentes no mundo editorial e, como tal, decidiram procurar obras que estivessem afundadas no passado e que precisassem de alguém que as resgatasse, marcando assim a sua posição neste mercado. Deste modo, estão incluídos no catálogo da editora livros de autores portugueses (como Celeste Andrade, Natália Correia e Raul Brandão) e estrangeiros (tais como Antonio Muñoz Molina, Gertrude Stein e Virginia Woolf), de ficção e de não-ficção, de literatura infantojuvenil e até mesmo de poesia, mas acima de tudo, livros que ainda não tenham tido o direito de ganhar um corpo e uma casa.

A Ponto de Fuga teve a sua grande estreia em novembro de 2014 com a reedição dos volumes da série *Petzi*, sendo eles *Petzi Constrói um Barco*, *Petzi e a Baleia* e *Petzi e a Mãe Peixe*. Estas obras foram publicadas, originalmente, na década de 80 pela Editorial Verbo, e festejavam, nesse mesmo ano, o seu 63º aniversário, o que fez com que a editora Ponto de Fuga julgasse pertinente conjugar o lançamento das suas edições com essa mesma celebração.

No ano seguinte, isto é, em 2015, nasceu a PIM! Edições, a primeira chancela da editora, no âmbito do 150º aniversário do nascimento de Beatrix Potter, tendo em conta que, especialmente entre julho e novembro, foram editados cerca de quatro volumes infantis desta autora. Assim, é possível evidenciar, a partir dos dois exemplos aqui mencionados, que a editora gosta de conciliar os seus lançamentos com datas especiais que estejam relacionadas com os autores das obras que por ela são editadas.

Posto isto, com o crescimento gradual da editora, surgiu a necessidade de criar uma loja *online* onde os leitores tivessem a oportunidade de encontrar e adquirir todos os livros editados, o que deu origem à The First Reader, que até hoje se mantém em constante mudança e que, durante o período do meu estágio, estava a ser alvo de aperfeiçoamento.

Além disto, recentemente, somaram-se duas novas chancelas à Ponto de Fuga, a Avesso e a TRavesso, que, conseqüentemente, se tornaram companheiras da PIM! Edições.

Focando-me naquilo de que tomei conhecimento a partir da minha própria experiência, a editora procura constantemente manuscritos e datiloscritos que ainda não foram descobertos, o que faz com que o Vladimiro, principalmente, esteja em contacto com uma série de pessoas e se tenha de deslocar até determinados locais, várias vezes, para ter acesso e recolher esses mesmos manuscritos e datiloscritos, como foi o caso do processo que antecedeu as edições que celebraram o centenário de Natália Correia, em que foi necessária a deslocação do Vladimiro até aos Açores. Assim, é evidente que, no meio de todos esses compromissos e onde ainda é preciso somar as restantes tarefas editoriais que necessitam de ser exercidas por um reduzido número de pessoas, as horas que compõem os dias de cada ano não parecem ser suficientes para realizar tudo aquilo que é necessário para que a editora continue o seu caminho.

Desde que eu e o Vladimiro começámos a estar em contacto devido ao estágio e a todos os assuntos que com ele estivessem relacionados, dei-me conta de que na Ponto de Fuga o tempo corre, parecendo até, muitas das vezes, que está, literalmente, em fuga. Foi a partir desta minha observação que atribui o título *Editora Ponto de Fuga: Relato de um Estágio Onde o Tempo Foge* ao meu relatório. Entre setembro e dezembro de 2023, eu acompanhei de perto o ritmo alucinante e trabalhoso que é requerido numa

pequena editora independente, onde reina a ambição, e a verdade é que eu própria o vivi intensamente. No entanto, verdade seja dita: deixar que o tempo voe para dar vida a uma obra é sempre um gosto.

2. O ESTÁGIO: TAREFAS

O meu estágio foi inteiramente realizado a partir de casa. Embora, num momento inicial, o Vladimiro tenha discutido comigo a possibilidade de realizar as minhas tarefas em regime híbrido, onde teria de me deslocar algumas vezes até Lisboa, nomeadamente ao pequeno escritório da editora na Fábrica Braço de Prata, estes planos acabaram por não se concretizar dadas as deslocações necessárias pela parte do Vladimiro, e mencionadas no capítulo anterior, em busca dos manuscritos e datiloscritos de Natália Correia. Assim sendo, todas as minhas tarefas foram realizadas através do meu computador e foram centradas, essencialmente, em atividades de revisão de texto.

Apesar de ter tido muita pena de não passar alguns dos meus dias no escritório da editora ou até mesmo na Biblioteca Nacional a realizar algumas pesquisas, tal como tinha sido previsto numa primeira planificação, nunca senti que a minha experiência estivesse a ser deteriorada. A verdade é que um dos meus maiores interesses, e que o continua a ser, era precisamente a revisão de texto e, portanto, não fiquei de todo desanimada quando tomei conhecimento de que as minhas tarefas se centrariam nisso. Além disto, também não me senti desamparada em momento algum pelo facto de estar a estagiar em regime remoto. Tal como o Vladimiro fazia questão de reforçar inúmeras vezes, o importante era manter a comunicação, e sinto que isso aconteceu em todos os casos em que foi necessário.

Neste sentido, é possível dividir o meu trabalho na Ponto de Fuga em dois grandes momentos:

- Um primeiro momento, aquele que gosto de apelidar de “Antes da Chegada de Natália Correia”, que ocupou sensivelmente todo o mês de setembro, onde me centrei nas revisões das reedições das obras *A Autobiografia de Alice B. Toklas* de Gertrude Stein e *Angelina e o Bode* de Celeste Andrade.
- Um segundo momento, o que marcou a chegada de todos os éditos e inéditos que contemplariam a celebração do centenário de Natália

Correia e que me ocupou os restantes meses de estágio, onde passei por duas fases: na primeira fase, dediquei-me ao tratamento de datiloscritos da autora — *A Expressão Romântica na Poesia Portuguesa, A Unidade Mágica do Gesto e da Palavra, Ensaio Sobre o Amor, O Saudosismo e Para Quem ou Porque Escreve o Escritor?* — que me tinham sido enviados, sendo da minha responsabilidade colocá-los em Word e realizar, posteriormente, a revisão de cada um deles; na segunda fase, mantive as minhas tarefas de revisora, mas desta vez estavam ao meu encargo alguns dos seus romances e ensaios — *A Estrela de Cada Um, A Madona, Anoiteceu no Bairro e Breve História da Mulher e Outros Escritos*.

Recordando um momento da introdução deste relatório, efetivamente, numa planificação inicial, o Vladimiro tinha referido que o meu grau de francês e o meu consequente interesse pelas tarefas de tradução seriam pertinentes para um possível contributo para o tratamento de manuscritos de Raul Brandão nesse mesmo idioma, no entanto, as minhas 400 horas de estágio foram fugazes e, tendo sempre como prioridade os éditos e inéditos que compunham a celebração do centenário de Natália Correia e que acabaram por preencher a larga maioria do meu tempo, estas traduções não chegaram a ser realizadas por mim. Quando nos apercebemos de que as horas que eu tinha a cumprir escassearam, o próprio Vladimiro brincou com a situação e disse-me de que, de facto, numa pequena editora independente, onde há tanto que fazer e todos fazem de tudo um pouco, os contratempos surgem e é difícil fazer planos a longo prazo, mas que aquilo que realmente importava era que o que tivesse sido realizado correspondesse às expectativas.

2.1 Revisão de *A Autobiografia de Alice B. Toklas* de Gertrude Stein

A minha primeira tarefa no âmbito do estágio na Ponto de Fuga consistiu em realizar a revisão de *A Autobiografia de Alice B. Toklas* de Gertrude Stein, mas não foi

apenas isso que me foi solicitado. De forma introdutória, foi-me enviado o PDF da edição outrora realizada (ver anexo A) e o Word que lhe era correspondente (ver anexo B).

Anteriormente, a editora já tinha lançado uma edição desta mesma obra e, neste sentido, queria apresentar uma reedição aperfeiçoada e que apresentasse detalhes que julgava estar em falta. Como tal, a Ponto de Fuga achou por bem que fosse criado um momento na obra dedicado a uma listagem de referências (de personalidades e de locais) que fossem relevantes e ajudassem o leitor a situar-se com mais facilidade na narrativa. Tudo isto porque a obra em questão se trata de uma autobiografia que, apesar de ter sido escrita por Gertrude Stein, assume o ponto de vista e a voz da sua companheira, Alice B. Toklas, estando assim repleta de revelações caricatas que envolvem grandes figuras das artes e das letras, bem como daqueles com quem mais se relacionavam, da primeira metade do século XX, tais como Hemingway, Matisse e Picasso. Assim, tendo em conta a quantidade de nomes de personalidades, familiares e de locais, que por elas eram frequentadas, presentes na narrativa, a Ponto de Fuga decidiu realizar uma reedição onde constasse esta listagem de referências em que fosse explicado ao leitor quem era cada personalidade que surgia ao longo da narrativa, bem como quais eram os locais que tanto visitavam e onde se reuniam. Posto isto, a minha outra tarefa, além de realizar a revisão, consistiu em destacar todos os nomes das personagens e dos locais que surgiam ao longo da narrativa.

Neste sentido, comecei por realizar uma primeira leitura para me ambientar à escrita de Gertrude Stein e aproveitei, igualmente, para começar a destacar todos os nomes que me parecessem relevantes para colocar nas referências, tal como me tinha sido pedido. Deste modo, a minha segunda leitura já seria dedicada à revisão da obra e, assim, também acabaria por ser mais fácil para mim perceber se me tinha escapado algum elemento que devesse ser alvo de destaque.

Ora, no meu primeiro contacto com a obra, e ao aperceber-me de que, efetivamente, as personalidades, e todas as personagens que com ela estavam relacionadas, e os locais mencionados eram variados, decidi adotar um método que facilitasse a distinção entre ambas as categorias. Assim, decidi atribuir a cor verde para destacar todos os nomes das personagens e a cor azul para salientar os locais que eram frequentados. O que é certo é que, após um breve avanço na leitura e do começo da

adoção deste método, constatei que também eram mencionados, inúmeras vezes, nomes de obras de arte e literárias. Posto isto, acrescentei mais uma cor aos meus destaques, e atribui o amarelo a esta mesma categoria (ver anexo B.1).

Devo admitir que, nesta minha primeira tarefa, esta primeira fase foi aquela que foi mais trabalhosa. Eu tinha de me certificar de que sublinhava todos os nomes das categorias mencionadas e, mesmo que já as tivesse sublinhado anteriormente, tinha de o fazer sempre que os nomes em questão surgissem. Embora tenha sido uma tarefa exigente, sinto que foi a forma mais indicada de começar a treinar os meus olhos para a atividade que se seguia: a revisão do texto.

Na minha segunda leitura, onde já me focaria em rever a obra, deparei-me com um dilema logo na “Nota de Tradução” elaborada por um dos tradutores da Ponto de Fuga, Nuno Quintas. No segundo parágrafo, estava presente um termo em francês, mais propriamente “succès de scandale”, o que me fez questionar se seria pertinente criar uma nota de rodapé em que fosse colocada a tradução deste mesmo termo. Tal como pude vir a constatar mais tarde, o uso de termos ou de expressões francesas era recorrente ao longo da obra, fazendo com que eu mantivesse a questão que tinha colocado logo na “Nota de Tradução”.

Quando enviei a minha revisão ao Vladimiro e dialogámos acerca desta questão, ele explicou-me que na obra original, isto é, na versão inglesa de onde foi feita a tradução para a edição realizada pela Ponto de Fuga, também não constavam notas de rodapé que explicitassem o significado dos termos ou expressões francesas e, neste sentido, também era do desejo da editora respeitar essa essência da obra e não acrescentar esse detalhe. Simplificando, no que diz respeito aos comentários que realizei em relação às palavras de língua francesa, apenas foram feitas as alterações nos lapsos que assinalei na frase: “bon soir monsieur et madame” (Stein, p.43), onde o correto seria escrever: *bonsoir monsieur et madame*.

No que diz respeito a todas as outras coisas que englobaram o processo de revisão de *A Autobiografia de Alice B. Toklas*, tendo em conta de que se tratava de uma reedição e que, como tal, já tivera sido revista, não foram muitos os problemas com os quais me deparei. Basicamente, aquilo que fiz foram sugestões que, de certa forma, podem estar mais relacionadas com uma questão de gosto pessoal do que propriamente

com algo estar certo ou errado. A verdade é que, apesar da minha pouca experiência na área, tenho a sensação de que na revisão, fora os casos em que nos deparamos, sem sombra de dúvida, com erros gramaticais, de construção frásica, entre outros, há muitas decisões que passam pela sensibilidade e pelo gosto pessoal, se é que o posso assim dizer, do revisor. Para exemplificar esta minha opinião, posso focar-me no exemplo do comentário que fiz em relação à repetição do termo “clima temperado”, onde sugeri que fosse feita uma substituição para “temperatura amena” ou até mesmo substituir o termo em questão por um pronome. Efetivamente, para mim não me fazia muito sentido que fosse mantida a mesma expressão e, portanto, sugeri que fosse alterada, embora, tal como tinha consciência, essa alteração podia escapar, em parte, à essência da obra, sendo que, por algum motivo, o revisor da edição anterior tinha achado por bem manter a expressão.

Como já referi, durante o processo de revisão, foram poucos os comentários que senti que tinha de fazer, sendo que a maioria deles passou por sugerir a colocação de uma vírgula em algum momento de uma frase, a troca de uma vírgula por um ponto ou até mesmo a evidência de algumas gralhas, que é normal ocorrerem durante um processo de revisão, como escrever “trejeitos claro” onde seria pretendido escrever “trejeitos claros”.

Posto isto, ter iniciado o meu estágio com a revisão de *A Autobiografia de Alice B. Toklas* pareceu-me ter sido o ideal, tal como o próprio Vladimiro acreditava, visto se ter tratado de uma tarefa um pouco mais simples (tendo em conta o facto de se tratar de uma reedição e que já tinha sido revista anteriormente) e que, ainda assim, me ajudou a familiarizar com aquilo que é necessário enquanto revisora de texto.

2.2 Revisão de *Angelina e o Bode* de Celeste Andrade

A minha segunda tarefa no âmbito do estágio diversificou-se um pouco da primeira. Neste caso, apesar da minha principal responsabilidade continuar a ser realizar a revisão da obra em questão, as atividades que antecederam esse processo eram um pouco diferentes. Com isto aquilo que quero dizer é que, enquanto na tarefa que estava

relacionada com *A Autobiografia de Alice B. Toklas* me tinham sido enviados um PDF da edição anterior lançada pela Ponto de Fuga e o seu respetivo Word com todo o texto preparado nas devidas condições, no caso de *Angelina e o Bode* recebi, mais uma vez, um PDF com a obra de Celeste Andrade (ver anexo C), mas invés de receber um Word que lhe seria correspondente, recebi um documento em formato TXT (ver anexo D) que, no meu caso, teria de ser aberto através do Editor de Texto. Resumindo o ponto da situação, nesta minha tarefa eu teria de cumprir 3 passos: ler, previamente, a obra; trabalhar o texto que se encontrava em formato TXT, transformando-o num Word devidamente organizado e, por fim, realizar a revisão de *Angelina e o Bode*.

Quando me enviou todos estes documentos, o Vladimiro referiu a importância que tem para a Ponto de Fuga divulgar as obras de Celeste Andrade, ajudando-a assim a ter o reconhecimento que, de certa forma, ainda não tem por parte da larga maioria dos leitores. A verdade é que *Grades Vivas* tinha sido, até ao momento, o único livro publicado da autora e, neste sentido, o Vladimiro contou-me que para ter acesso ao espólio e, conseqüentemente, aos manuscritos de Celeste Andrade, teve de marcar um encontro com a filha da escritora, Paula Nataniel. Foi graças a esse encontro que se tornou possível o acesso à obra *Angelina e o Bode*, que é assinada com o pseudónimo Cláudia Avelar.

Além desta contextualização, o Vladimiro também me deu alguns conselhos, nomeadamente sobre a forma como teria de trabalhar o ficheiro Word. Deste modo, eu teria de adaptar o texto para a fonte Times New Roman, tamanho 12, com um espaçamento entre linhas de 1,5 e todo ele justificado. Além disso, também teria de ter em conta os parágrafos, sendo que todos eles deveriam ter o avanço de 1,25. Embora já tivesse a noção de algumas destas informações, anotei tudo aquilo que me foi dito, até porque estava com um certo receio em relação ao começo desta nova atividade e não queria que me escapasse nada.

Assim, à semelhança daquilo que fiz na minha primeira tarefa de estágio, comecei por me dedicar única e exclusivamente à leitura da obra, focando-me apenas no PDF que me tinha sido enviado. Na minha opinião, antes de se partir para uma leitura analítica de uma narrativa e que vai resultar numa revisão da obra, é imprescindível estar-se familiarizado com a escrita do autor, neste caso Celeste Andrade, para que,

desta forma, seja mais fácil compreender os padrões das suas construções frásicas ou até mesmo de palavras e expressões recorrentes. Tal como aconteceu com Gertrude Stein, eu nunca tinha lido nada da autoria de Celeste Andrade e, por isso, antes de partir para o processo de revisão, precisava de mergulhar na leitura.

Após o meu primeiro contacto com *Angelina e o Bode*, parti então para a criação de um documento Word, tendo como base o ficheiro em formato TXT (ver anexo D). Tal como é possível evidenciar numa primeira análise, o documento em questão revelava, antecipadamente, de que seriam necessárias várias alterações para que a obra ficasse devidamente construída e organizada no ficheiro que por mim seria criado. Efetivamente, a fonte e o seu tamanho, o espaçamento entre linhas e sua consequente quebra (com isto aquilo que quero explicitar é que cada parágrafo não está em sequência, estando todas as frases divididas até um determinado ponto), bem como a ausência de parágrafos, iriam requerer muita atenção da minha parte para que a obra ficasse em condições.

Assim sendo, ao criar o ficheiro Word, tentei estabelecer uma estratégia: teria abertos os documentos PDF e TXT, em simultâneo, para que pudesse organizar os parágrafos devidamente e, além disso, achei por bem copiar o texto do Editor de Texto para o Word, página a página. Tal como é possível constatar (ver anexo D.1), o final de cada página é marcado pelo número que lhe é correspondente e foi através disso que me guiei para sentir que não me perdia no texto. De facto, sinto que este método me ajudou a não deixar escapar nenhuma das páginas da obra o que, num documento onde o espaço entre linhas é diminuto e se faz sentir a inexistências de parágrafos, não seria difícil.

Deste modo, criei então um ficheiro Word onde adaptei o texto que compunha a obra para a fonte Times New Roman, tamanho 12, com espaçamento de 1,5 entre as linhas e o alinhamento justificado. Além disso, cumprindo as indicações dadas pelo Vladimiro, também fiz a devida inserção dos parágrafos, colocando-lhes um avanço de 1,25 (ver anexo E). A somar a isto, também construí os diálogos no formato que lhes era desejável, inserindo o travessão (“—”), sempre que necessário, e que outrora não existiam.

Após a edição propriamente dita, a cada página devidamente trabalhada, eu realizava a revisão do texto. Originalmente, pensei em adaptar toda a obra no ficheiro Word e só depois rever, mas acabei por concluir que talvez fosse mais eficaz recorrer a esta estratégia. Assim, foi este o método que adotei ao longo de toda a minha tarefa com *Angelina e o Bode*.

No que diz respeito à revisão de texto, nesta obra já me eram apresentados mais desafios do que na anterior. Tendo em conta que *A Autobiografia de Alice B. Toklas* já tinha sido revista, a minha tarefa enquanto revisora já tinha, de certa forma, sido facilitada, pois só me coube dar novas sugestões relacionadas com a pontuação escolhida e evidenciar algumas gralhas. Assim, além de ter em conta os fatores anteriormente mencionados, como erros ortográficos, possíveis construções fráscas pouco coesas ou problemas de pontuação, também teria de estar atenta a todas as palavras que necessitassem de ser atualizadas para o Acordo Ortográfico em vigor.

Indo por partes, no que diz respeito à atualização das palavras para o AO90¹, as alterações que mais tive de fazer foram todas aquelas que estivessem relacionadas com estações do ano, como “Inverno” que agora se deve escrever “inverno”, e palavras que antes do novo acordo tinham nelas inseridas as letras “c” ou “p”, tais como “reflectia” e “imperceptíveis”.

De seguida, focando-me agora nos erros ortográficos ou, se assim for preferível apelidar, as “gralhas”, deparei-me com algumas situações, destacando as seguintes: “depradação” em que, na verdade, acredito que Celeste Andrade pretendia escrever “depredação”; “pedragosos” em que julgo que o correto seria escrever “pedregosos”; “bolir” no qual fiz um comentário em que explicitiei que acreditava que o correto seria escrever “bulir” e, por fim, “rescendor” que sugeri que fosse substituído por “rescendo”. Neste caso em concreto, acredito que seja pertinente citar a frase em questão:

¹Acordo Ortográfico de 1990.

“Aspirava com delícia o rescendor bravio da serra. Pouco a pouco, caía entorpecida num doce letargo. E ora cerrava os olhos, ora os mergulhava no puro azul das alturas.” (Andrade, p.10)

No que diz respeito à restante revisão de texto, nomeadamente em tudo aquilo que esteja relacionado com a pontuação ou construção frásica, os casos com que mais me deparei foram situações em que se fazia sentir a ausência de uma vírgula, ou vírgulas, numa frase, embora me tenha sido explicado mais tarde pelo Vladimiro que essa é uma das características do estilo de escrita de Celeste Andrade. Além disto, também existiram alguns momentos, embora tenham sido mais diminutos, em que surgiam lapsos onde parecia que a intenção da autora seria colocar uma vírgula e não um ponto, sendo que me parece pertinente, mais uma vez, dar destaque a uma dessas situações:

“Os homens, esquentados pelo desejo que aumentava conformemente a esperança lhes ia minguando, considerando-se, por outro lado, desfeiteados, vingavam-se, assestando contundentes e insultuosas insinuações contra Angelina, quando ela passava.” (Andrade, p.11)

Ainda no campo da revisão, existiram situações em que me questionei ao me deparar com expressões como “Havia alguns momentos que uma sensação estranha...” (Andrade, p.21), em que questionei se o correto não seria escrever “Havia alguns momentos em que uma sensação estranha...”, ou “...a quem jamais amargurara a hipótese da descendência...” (Andrade, p.7), onde deixei em comentário a minha dúvida de se seria mais correto escrever eliminar a elisão e colocar “...a quem jamais a amargurara a hipótese de a descendência...”.

Por fim, durante o processo de revisão, existiram momentos em que ocorreram falhas da minha parte, mais especificamente, quando, ainda que inconscientemente, acabava por sugerir alterações em frases que eram, nada mais nada menos, do que marcas da escrita de Celeste Andrade. Para exemplificar aquilo a que me refiro, tomarei como exemplo a frase “Angelina não acusava o menor toque, como se o não visse.”

(Andrade, p.12). Neste caso, acabei por sugerir em comentário, tal como fiz ao longo de toda a minha revisão, se se poderia substituir a expressão que sublinhei por “como se não o visse”. Claro que a minha sugestão não estava errada, mas, tal como já mencionei anteriormente, este tipo de construção frásica é uma das marcas da escrita da autora, sendo desejável mantê-la na sua forma original.

Posto isto, sinto que esta obra se apresentou como a segunda tarefa ideal para realizar no âmbito do meu estágio. O passo que dei entre *A Autobiografia de Alice B. Toklas* e *Angelina e o Bode* pareceu-me natural e gradual, sendo que as tarefas que me foram acrescentadas, e o nível de dificuldade da própria revisão, não foram excessivas e permitiram-me assimilar tudo com tranquilidade de forma a transformar-se numa aprendizagem para a minha futura vida profissional.

Foi com *Angelina e o Bode* que se deu por encerrar a primeira fase do meu estágio, a que antecedeu a chegada dos éditos e inéditos de Natália Correia.

2.3 Revisão de datiloscritos de Natália Correia

Tal como tinha sido discutido na primeira conversa que tive com o Vladimiro a propósito das minhas tarefas que teria pela frente, chegou, por fim, o momento em que comecei a trabalhar nos éditos e inéditos que iriam contemplar a celebração do centenário de Natália Correia, dando-se assim o início da segunda fase do meu estágio.

Neste sentido, foram-me enviadas por *e-mail* cinco pastas de documentos, todas elas contendo versões de inéditos de Natália Correia digitalizadas pela Ponto de Fuga, que eu teria de descarregar através do WeTransfer². Ao receber estes ficheiros, o Vladimiro telefonou-me para me orientar na minha tarefa, apresentando-me e explicando-me devidamente uma estratégia à qual eu poderia recorrer para que o meu trabalho fosse “facilitado”. Sendo que as cinco pastas de documentos que me tinham sido enviadas se tratavam, essencialmente, de datiloscritos, seria-me mais fácil inserir todos estes ficheiros no meu Google Drive (ver anexo F) e, a cada documento, seleccionar

² Empresa de serviços de transferência de arquivos de computador.

a opção de abrir com o Google Docs (ver anexo F.1). Assim, ao recorrer a esta opção, eu teria acesso a um documento onde o texto contido na digitalização se poderia copiar do Google Docs para o Word (ver anexo F.2), permitindo-me assim originar o ficheiro pretendido, à semelhança daqueles que criei anteriormente. No entanto, e tal como é possível evidenciar ao observar o anexo F.2, esta ferramenta, apesar de facilitar bastante o trabalho em questão, também apresenta as suas lacunas, sendo que o texto presente na digitalização não é lido na perfeição pelo Google Docs.

Assim, a cada ficheiro tratado, e devidamente copiado para o documento Word por mim criado, requeria muita atenção da minha parte, atenção essa que antecedia o extremo cuidado que eu teria de ter ao rever a escrita de Natália Correia que, por si só, tem muito que se lhe diga. Neste sentido, o esquema foi o mesmo que se seguiu nos ficheiros Word de *A Autobiografia de Alice B. Toklas e Angelina e o Bode*, isto é, um documento onde o texto seria adaptado para a fonte Times New Roman, tamanho 12, com um espaçamento de 1,5 entre as linhas, alinhamento justificado e, por fim, inserir os parágrafos, colocando-lhes o avanço de 1,25. Feitos estes preparativos no ficheiro Word, chegava o momento de copiar o texto do Google Docs correspondendo à formatação que eu tinha programado. Ao fazê-lo, a minha primeira tarefa, além de organizar as frases que compunham a obra, de forma que deixassem de aparecer separadas como eram apresentadas no Google Docs, e inserir devidamente os parágrafos, passava por ler, um a um, os ficheiros das pastas que me foram enviadas (a cada uma das pastas foi-lhe atribuído o nome do inédito que lhe era correspondente, isto é, *A Expressão Romântica na Poesia Portuguesa*, *A Unidade Mágica do Gesto e da Palavra*, *Ensaio Sobre o Amor*, *O Saudosismo* e *Para Quem ou Porque Escreve o Escritor?*, respetivamente) para que fossem corrigidas as gralhas provocadas pela leitura de texto do Google Docs que originava no documento espaços entre letras que correspondiam a uma só palavra, a inserção de “@” ou “\$” que, evidentemente, não estavam presentes no texto digitalizado e, por fim, a gralha que mais se repetiu ao longo de todos os ficheiros inseridos no Google Docs, a inserção de “&” que, na verdade, correspondia sempre à letra “e”. Para terminar, antes de partir para a revisão propriamente dita do texto, também era do meu dever ter em conta os comentários inseridos,

posteriormente, pela autora, inserindo-os na frase em questão tal como desejava (ver anexo F.3).

No que diz à minha segunda tarefa, que se tratava da revisão de texto, pela qual também eu estava responsável, posso afirmar que foi verdadeiramente desafiante. De um modo geral, a escrita de Natália Correia, apesar de genial, exige muita minuciosidade da parte de quem a revê, requerendo que sejam lidas, atentivamente, cada uma das linhas que compõem a sua obra para que nada escape ao olhar do revisor. Posto isto, revi cada inédito da autora pela mesma ordem em que os tenho mencionado ao longo do relatório, recorrendo ao método da criação de comentários no Word, tal como fiz nos trabalhos de revisão anteriores.

Focando-me agora em casos particulares de cada um dos ensaios de Natália Correia, é possível afirmar que os problemas que encontrei neles eram todos muito semelhantes entre si. Resumidamente, o maior obstáculo que se encontra na escrita da autora são os problemas de virgulação, onde há casos em que ocorre a inexistência de vírgulas em frases que necessitariam da sua presença, mas também situações em que a virgulação está lá, contudo, inserida incorretamente. Assim sendo, acho pertinente exemplificar estas minhas afirmações com alguns exemplos retirados dos cinco ensaios:

“Na poesia de Luís de Camões o humano exprime-se liberto dos entraves da retórica.” (Correia, p.4) → Nesta frase de *A Expressão Romântica na Poesia Portuguesa*, pareceu-me necessária a inserção numa vírgula, ficando da seguinte forma: Na poesia de Luís de Camões, o humano exprime-se liberto dos entraves da retórica.

“Ainda que necessariamente ligadas, á religião, são agora atividades autónomas (...)” (Correia, p.8) → Neste excerto retirado de *A Unidade Mágica do Gesto e da Palavra*, estão presentes duas questões bastante pertinentes: os erros de virgulação e acentuação. Efetivamente, o acento em “a” não está correto, sendo que o mesmo só deveria ser utilizado se estivéssemos perante a palavra “há”, e, no que diz respeito à vírgula, também não é coerente que a mesma seja ali colocada. Neste sentido, sugeri

que a frase fosse colocada da seguinte forma: Ainda que necessariamente ligadas à religião, são agora atividades autônomas (...).

“Como objeto de pensamento o amor defronta-se com limitações mentais (...)” (Correia, p.1) → Nesta frase de *Ensaio Sobre o Amor*, é possível sentir a falta da presença de uma vírgula, sendo que a minha sugestão foi colocá-la da seguinte forma: Como objeto de pensamento, o amor defronta-se com limitações mentais (...)

“Poeta ibérico, lhe têm chamado alguns críticos.” (Correia, p.6) → Nesta frase de *O Saudosismo*, foi da minha opinião que a inserção desta vírgula naquele momento da frase não estava propriamente correta, passando a minha sugestão por colocar o termo “poeta ibérico” entre aspas e, deste modo, colocar a frase da seguinte forma: “Poeta ibérico” lhe têm chamado alguns críticos.

“Isto significa que todos somos naturalmente criadores mas só chegamos a sê-lo quando visceralmente inquietados por interdições e ausências que nenhuma oferta social soluciona, em nós cessa o pudor de recorrer à terapêutica da imaginação.” (Correia, p.2) → Neste excerto de *Para Quem ou Porque Escreve o Escritor?*, cheguei à conclusão de que faltava mais do que uma vírgula para que a frase estivesse devidamente correta, tendo sido esta a minha sugestão: Isto significa que todos somos naturalmente criadores, mas só chegamos a sê-lo quando, visceralmente inquietados por interdições e ausências que nenhuma oferta social soluciona, em nós cessa o pudor de recorrer à terapêutica da imaginação.

Além dos problemas de virgulação, também era recorrente, ao longo dos cinco ensaios, o uso da expressão “tem que” quando, na realidade, aquilo que é correto é escrever “tem de”. À semelhança do que tenho vindo a fazer ao longo do relatório, irei exemplificar esta questão:

“A experiência da paixão, desencantando o infinito encerrado no espírito, tinha que coroar este sentimento” (Correia, p.4) → Nesta frase de *A Expressão Romântica da Poesia Portuguesa*, inseri o comentário no Word onde expressava a minha opinião de que o correto seria escrever “tinha de”.

De seguida, também existe um caso muito recorrente na escrita desta autora, sendo ele a presença constante da elisão “dum” (de+um) e “duma” (de + uma). Esta situação chegou até a ser debatida entre mim e o Vladimiro. Efetivamente, em todos os casos em que me deparava com esta elisão, eu sugeria, em comentário, que “dum” e “duma” fossem substituídas por “de um” e “de uma”, respetivamente. No entanto, ao dialogar com o Vladimiro, e apesar de ele concordar com a minha opinião, também revelava uma certa apreensão em relação a esta alteração. Para todos os efeitos, “dum” e “duma” acabavam por se apresentar como marcas da escrita de Natália Correia, o que fez com que a decisão de realizar a alteração mencionada ficasse em aberto.

A somar a isto, também existem diversos momentos em que ocorrem lapsos na escrita de Natália Correia, o que é completamente legítimo ao ter-se em conta que todos os textos eram redigidos através da máquina de escrever, onde a correção de uma gralha na ortografia requeria que tudo tivesse de ser feito de novo, não existindo as facilidades que existem atualmente através do uso dos computadores. Exemplos disto são lapsos como “protuguesa” (portuguesa) ou “tendendia” (tendência). Além destes lapsos, também tem de se ter em conta a necessidade de adaptar a ortografia do documento para a do Acordo Ortográfico em vigor.

Em jeito de conclusão, a minha revisão dos datiloscritos de Natália Correia foi a segunda tarefa mais desafiante para mim, sendo que aquela que achei, sem dúvida, a mais difícil foi a revisão de *A Madona*, obra da qual falarei mais a diante. Deste modo, trabalhar com estes inéditos foi extremamente desafiante, não só pelo “malabarismo” que teve de ser feito com o texto digitalizado, o Google Docs e o Word, mas também pelo facto de ser a primeira vez que eu entrava em contacto com a essência da escrita de Natália Correia. Posto isto, apesar de já ter lido obras da autora, nunca tinha tido a experiência de ler um conteúdo que não tivesse sido revisto, tendo sido apanhada de surpresa em relação aos problemas de virgulação, especialmente.

2.4 Revisão de Romances de Natália Correia — *A Estrela de Cada Um, A Madona e Anoiteceu no Bairro*

Após terminada a revisão dos inéditos de Natália Correia, mencionados e descritos no subcapítulo anterior, o Vladimiro enviou-me três romances da autora, que também contemplariam a celebração do seu centenário: *A Estrela de Cada Um, A Madona* e *Anoiteceu no Bairro*. À semelhança das tarefas que tinha vindo a desempenhar, também me caberia a mim fazer a revisão destas obras.

Ao receber estes três títulos, senti que, de certa forma, já me poderia sentir mais confiante com o trabalho que iria desempenhar. A verdade é que, tendo revisto anteriormente inéditos da autora, eu já detinha algum conhecimento acerca da sua escrita, permitindo-me assim antecipar algumas das gralhas que poderiam estar presentes nestes três romances, nomeadamente, os problemas de virgulação, que sempre se revelaram o maior contratempo na escrita da autora.

Sendo que o Vladimiro não me impôs nenhuma ordem em relação ao romance pelo qual deveria começar, ao aperceber-me de que *Anoiteceu no Bairro* não tinha um PDF correspondente, o que significava que eu não tinha de estar a dividir a minha atenção entre dois ficheiros, decidi iniciar esta etapa com esta obra, e devo até admitir que foi o livro que mais gostei de rever ao longo de todo o meu estágio. A história cativou-me de tal forma que existiram momentos em que eu quase me esqueci de que estava a rever e não a ler, prazerosamente, a obra em questão.

Focando-me no processo de revisão propriamente dito, eu estava em vantagem pelo simples facto de *Anoiteceu no Bairro* já ter sido revisto anteriormente, o que significava que eu era a segunda pessoa a revê-la e, portanto, não teria a mesma carga de trabalho que tive com os inéditos. Assim sendo, a maior parte dos meus pareceres passaram pela sugestão da inserção ou de eliminação de vírgulas (que, neste caso, não eram propriamente erros, mas uma questão de subjetividade), a identificação de algumas gralhas e a sugestão de colocar palavras de origem francesa em itálico (ver anexos G, G.1 e G.2). Além destas questões, eu também teria de ter em conta a

adaptação do texto da obra para o Acordo Ortográfico em vigor que, anteriormente, eram correções que eu sugeria deixando um comentário no Word, mas que, a partir da daqui, o Vladimiro me permitiu que eu fizesse essa alteração diretamente no documento.

Depois de ter concluído a revisão de *Anoiteceu no Bairro*, segui para *A Estrela de Cada Um*, que se tratava de uma edição de Zetho Cunha Gonçalves³. Desta vez, e à semelhança do que iria acontecer com *A Madona*, eu já teria de equilibrar a minha atenção entre um ficheiro PDF (ver anexo I) e um documento Word que me tinha sido enviado com a obra, tal como já era habitual.

Mais uma vez, a minha tarefa de revisão estava, de certa forma, facilitada, porque, à semelhança do que aconteceu com *Anoiteceu no Bairro*, eu estava diante de uma obra já édita e revista anteriormente, o que fazia com que os comentários que eu colocasse no Word, como resultado da minha revisão, voltassem a tratar-se, maioritariamente, de sugestões em relação a tudo aquilo que dizia respeito às vírgulas, à identificação de gralhas (ver anexos J, J.1 e J.2) e à adaptação do texto para o Acordo Ortográfico em vigor.

Por fim, tinha chegado o momento de rever o terceiro, e último, romance de Natália Correia que eu tinha em mãos e, curiosamente, revelou-se o maior desafio do meu estágio, apanhando-me completamente desprevenida. Embora eu detivesse o PDF da edição anterior de *A Madona* (ver anexo K) e o Word com o texto que lhe era correspondente (o que, mais uma vez, significava que eu estava perante um édito que já tinha sido revisto), o meu trabalho apresentou uma grande dificuldade: por alguma razão, na passagem do texto presente no PDF para o ficheiro Word, muitos dos parágrafos estavam ilegíveis.

Inicialmente, parecia que o problema passava apenas pelo facto de as frases estarem separadas (o que fazia parecer que o texto do Word tinha sido copiado de um ficheiro em formato TXT, pois eu tinha lidado com esta questão na revisão de *Angelina e o Bode*), quando não era suposto estarem (ver anexo L), mas, ao avançar na revisão do

³ Ficcionista, organizador de edições, poeta e tradutor. Em 2018, o seu nome foi até proposto para o Prémio Nobel de Literatura.

texto, e após organizá-lo devidamente, apercebi-me de que a situação se estava a tornar mais complexa do que aquilo que eu pensava. No início ou no final de cada página, e às vezes até nos dois, as frases tinham-se transformado numa mistura entre letras e caracteres (ver anexos L.1 e L.2). Como se não bastasse, aquilo que eu julgava corresponder apenas às frases iniciais ou finais da página, muitas das vezes, tratava-se de mais de meia página, o que significava que tinha de ser eu a escrever todas as frases que tivessem este problema. Efetivamente, além de ter sido um grande imprevisto, foi a tarefa mais trabalhosa com a qual me deparei no meu estágio. Não foi nada fácil ter de escrever, maioritariamente, meia página (por sorte, às vezes tinha só de escrever algumas frases), do total de 158 páginas. Posto isto, esta foi a única obra que me fez mudar a minha estratégia: decidi resolver estes percalços primeiro e só depois é que exerci os meus deveres de revisora.

Focando-me agora na revisão propriamente dita, à semelhança do que aconteceu com os romances mencionados anteriormente, os comentários no ficheiro Word voltaram a focar-se na sugestão de inserção ou eliminação de uma vírgula na frase, bem como na chamada de atenção para possíveis gralhas (ver anexos M e M.1). Além disso, tal como já era de prever, eu teria de continuar a adaptar o texto ao Acordo Ortográfico.

Posto isto, a revisão dos romances *Anoiteceu no Bairro*, *A Estrela de Cada Um* e *A Madonna* não me causaram grandes dificuldades, tendo em conta o facto de já terem sido revistas anteriormente, mas continuaram a ser bons desafios para mim e contribuíram para que eu me familiarizasse, ainda mais, com a escrita de Natália Correia.

2.5 Revisão do Ensaio *Breve História da Mulher e Outros Escritos* de Natália Correia

A minha última tarefa no âmbito do estágio na editora Ponto de Fuga foi a revisão do ensaio *Breve História da Mulher e Outros Escritos* de Natália Correia. Neste caso, voltaram-me a ser enviados um ficheiro PDF (ver anexo N), mais propriamente uma edição de Zetho da Cunha Gonçalves, e um documento Word com o texto que lhe era correspondente.

Inicialmente, o Vladimiro teve algum receio de me enviar esta obra para eu rever porque tínhamos noção de que as horas de estágio que eu tinha pela frente já não eram muitas, no entanto, tendo em conta que se tratava de um ensaio com 75 páginas e que já tinha sido revisto, concluímos que ainda daria tempo de eu elaborar esta revisão e, de facto, consegui dá-la por terminada.

Mais uma vez, o processo de revisão não foi complexo e o meu trabalho voltou a passar pelas questões que já mencionei anteriormente, sendo eles a virgulação (ver anexo O), as gralhas (ver anexo O.1), a sugestão da colocação de itálicos em títulos de obra mencionadas (ver anexo O.2) e a adaptação do texto para o Acordo Ortográfico. Na minha opinião, esta obra, de entre todos os éditos que revi, foi aquela que exigiu menos comentários da minha parte, tendo sido a minha tarefa de revisora bastante tranquila. A única coisa que posso ter a apontar, mas que nada mais é do que uma questão subjetiva, é o facto de esta ter sido a obra que mais me custou a rever, no sentido de que era aquela que menos despertava o meu interesse, no entanto, até este aspeto tem um carácter positivo. A verdade é que, no futuro profissional que espero vir a ter como revisora, o mais certo é não me deparar, na larga maioria das vezes, com obras com as quais eu me identifique, portanto, a revisão de *Breve História da Mulher e Outros Escritos* serviu para me preparar para esse mesmo cenário.

Assim, focando-me ainda na revisão, posso afirmar que, naquilo que lhe diz respeito, as minhas tarefas ao rever os romances e o ensaio de Natália Correia tornaram-se um pouco repetitivas (sem contar com o obstáculo que me surgiu quando tinha em mãos o ficheiro Word de *A Madona*), o que, de certa forma, já seria expectável porque estava a rever obras da mesma autora e que, ainda para mais, já tinham sido revistas anteriormente. No entanto, não deixaram de ser experiências bastante proveitosas para me prepararem para a minha vida profissional.

3. Conclusão

Foi gratificante constatar que, de facto, a componente letiva do mestrado caminha de braço dado com aquilo que é a vida numa editora. Foram vários os momentos em que, durante o processo, me recordei de alguma da teoria que foi abordada em cadeiras como Crítica Textual, Teoria da Edição e Teorias e Práticas de Escrita e de Revisão de Texto. Tal como afirmei no início deste relatório, para mim era essencial ter esta experiência de estágio e poder descobrir como é trabalhar dentro desta área, portanto, foi muito satisfatório para mim consegui-lo.

No que diz respeito ao facto de ter trabalhado a partir de casa, não senti que isso se tivesse apresentado como algum tipo de obstáculo para o meu nível de produtividade. O Vladimiro nunca me colocou qualquer tipo de pressão e assegurou-se sempre de que eu realizava as tarefas no meu ritmo para evitar que eu chegasse a um estado de exaustão, no entanto, uma das minhas maiores preocupações era assegurar-me de que não fugia ao compromisso que tinha feito com a Ponto de Fuga. Trabalhar em casa não podia, de forma alguma, ser sinónimo de distração. Por outras palavras, embora não me tenha sido estabelecido nenhum horário, eu própria o estipulava, trabalhando os 5 dias por semana das 9h às 17h, tal como faria se estivesse num estágio presencialmente. Ao longo de todo o processo, sinto que a editora depositou em mim grandes votos de confiança e eu não quis desanimá-la em momento algum, portanto, fiz tudo aquilo que estava ao meu alcance para cumprir a minha parte e realizar todas as atividades que me eram propostas, coisa que, para grande satisfação minha, consegui fazer. A minha melhor forma de expressar a minha gratidão à Ponto de Fuga era não a deixar ficar mal.

Em jeito de conclusão, sinto que, apesar de ter estagiado em regime remoto, consegui ter uma experiência bastante realista do que é trabalhar numa editora e, especialmente, na área de revisão de texto, que é aquilo que mais me fascina. Não há palavras para expressar o quanto fiquei feliz ao perceber que, realmente, sou feliz a trabalhar com os livros e que, quiçá, haja dentro de mim uma vocação para tal.

Bibliografia

Bibliografia Ativa

Correia, Natália. (2004). *A Estrela de Cada Um*. Parceria A.M. Pereira Livraria Editora.

Correia, Natália. (2004). *A Madona*. Coleção Mil Folhas.

Correia, Natália. (2003). *Breve História da Mulher e Outros Escritos*. Parceria A.M. Pereira Livraria Editora.

Stein, Gertrude. (2017). *A Autobiografia de Alice B. Toklas*. Ponto de Fuga.

Bibliografia Passiva

Cunha, Celso & Cintra, Lindley. (2014). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Edições João Sá da Costa.

Pedro, Lúcia. (2023). *Sem Dúvidas a Português*. Cultura Editora.

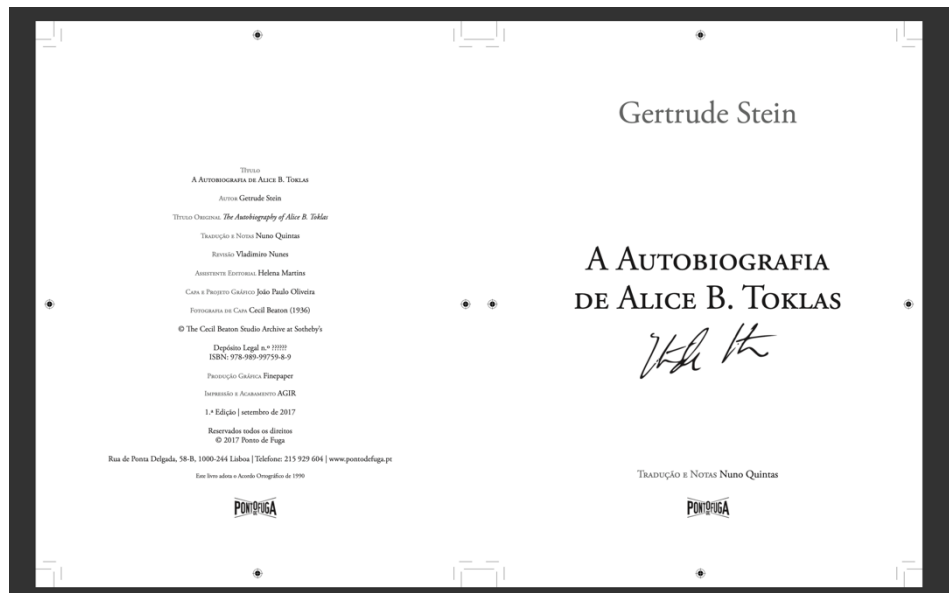
Pinto, José M. de Castro. (2011). *Novo Prontuário Ortográfico* (3.^a ed.). Plátano Editora.

Santos, Analita. (2023). *Erros de Português Nunca Mais*. Manuscrito Editora.

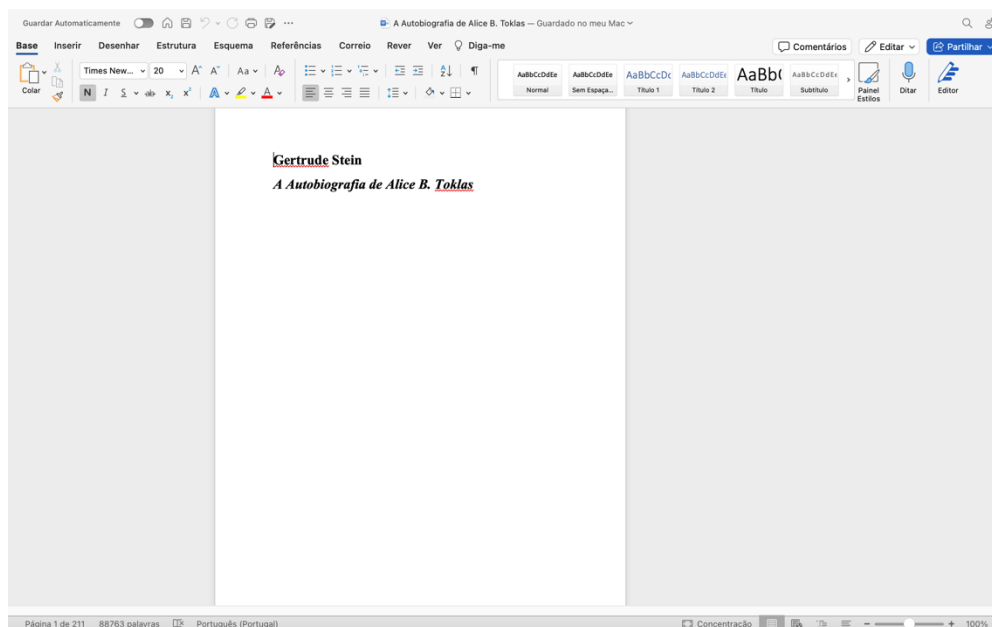
Stein, Gertrude. (2017). *A Autobiografia de Alice B. Toklas*. Ponto de Fuga.

Anexos

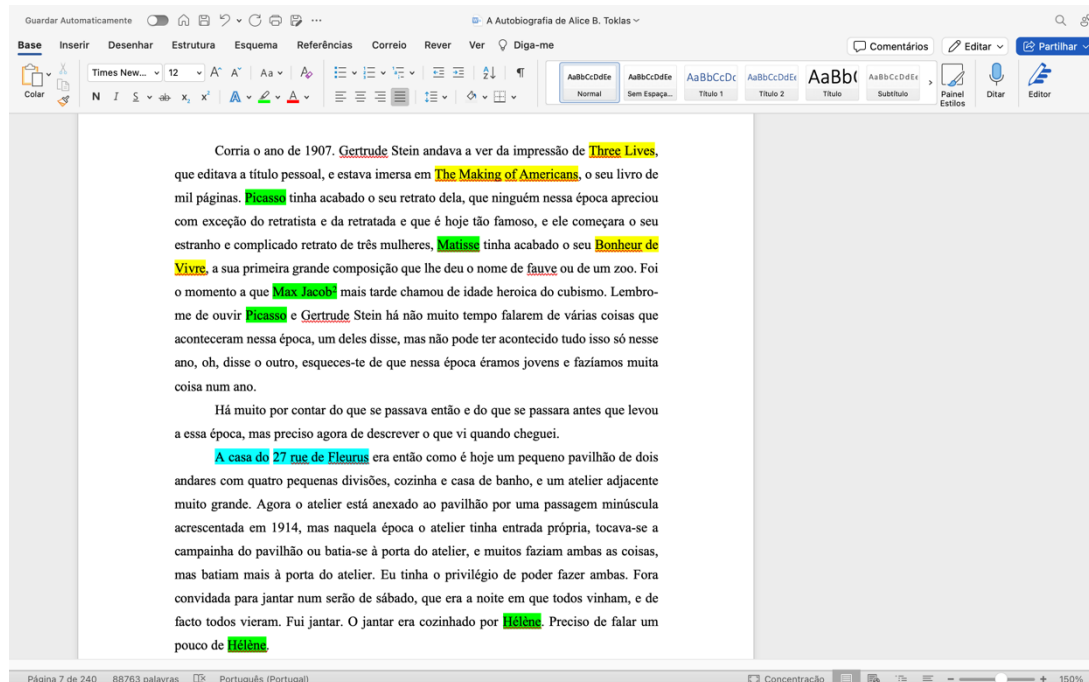
Grupo I – A Autobiografia de Alice B. Toklas



Anexo A – PDF da Edição Anterior da Ponto de Fuga do livro *A Autobiografia de Alice B. Toklas*

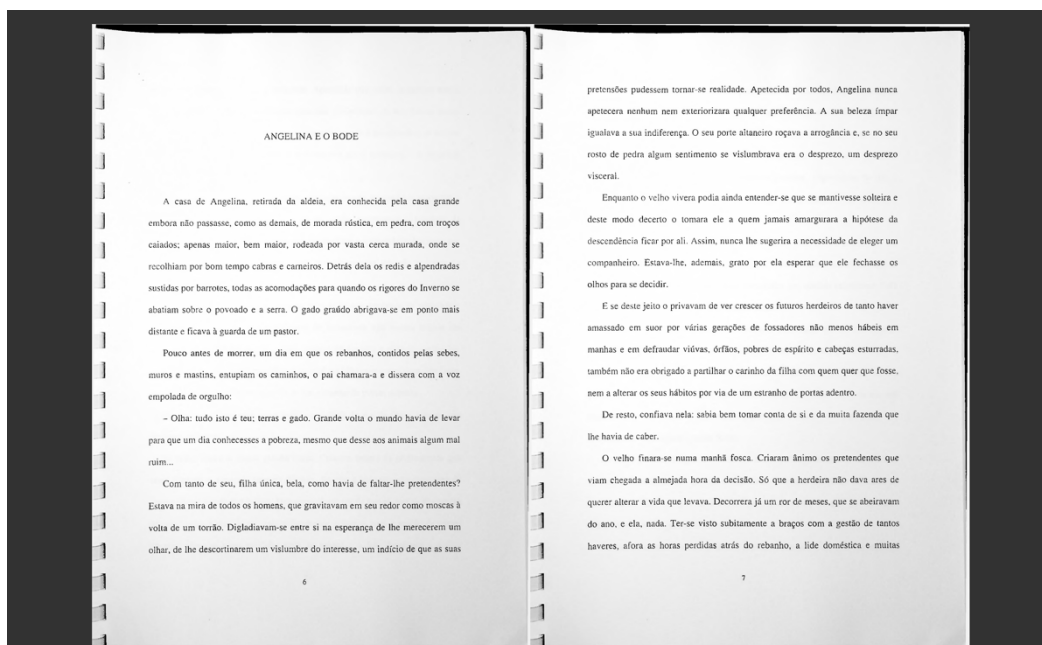


Anexo B – Word do PDF de *A Autobiografia de Alice B. Toklas*.



Anexo B.1 – Cores atribuídas para destacar as referências pedidas no ficheiro Word de *A Autobiografia de Alice B. Toklas*.

Grupo II – Angelina e o Bode



Anexo C – PDF da digitalização da obra *Angelina e o Bode*.

Editor de Texto Ficheiro Edição Formatação Visualização Janela Ajuda
CELESTE ANDRADE - Angelina e o Bode.txt

Michel Gofray

O que vou contar sucedeu algures, num lugar ermo e montanhoso. Então porque associo sempre tais factos à Itália? Por certo, por lá viver ao tempo em que transmitiram a história. Infelizmente não segui o programa televisivo desde o começo. Mas logo me causou uma profunda estranheza; não só por aquilo que ouvia como também por causa de quem o contava: uma mulher. Uma mulher bela, mas já não muito jovem. Aparentava quarenta, quarenta e tantos anos. O que nela sobretudo me surpreendia era o seu ar exótico. Passava-se sobre rochas, num cenário agreste, com trajes insólitos, esvoaçantes, transparentes, e uma enorme capelinha de palha fina. Falava em tom declamatório e tinha olhos e cabelos negros.

Como então a minha memória já não era o que tinha sido e não tomei quaisquer notas, do que ouvi apenas me ficou a certeza do nome da heroína, Angelina, e a da existência de um bode.

Só muitos anos mais tarde, concebi esta história: é toda ela fantasia. Também não faço a mínima ideia da região em que tudo se passava. Se excluirmos a hipótese desses eventos terem por cenário a Ibéria ou a Itália continentais, restam-nos ainda muitos cantos perdidos da Europa mediterrânea, onde, seguramente, poderiam ter-se verificado. Por que não os localizarmos na Turquia, na Grécia, em Chipre, na Sardenha, na Sicília, nas Baleares? Tampouco

3

sei capaz de precisar quando isso foi: se nos nossos dias, se há um século atrás. Quanto à fascinante narradora, só no fim do programa soube quem era: Leonor Fini. Fazia-a muito à imagem das suas deliciosas figuras femininas: etérea e loura. Se tivesse pensado no assunto dois minutos teria concluído que ela deveria ser o contrário daquilo que pintava. Pois não é sempre a nossa ideia de beleza que pretendemos mostrar e, normalmente, ela está no oposto daquilo que somos?

Desde a Antiguidade, o bode tem alimentado a imaginação do homem. Já no paganismo, Pan, deus dos pastores, das pastagens e dos bosques, meio-homem, meio-bode, era um dos deuses mais festejados. Mas também os sátiros, semi-deuses são meio-homens, meio-bodes, só que mais rústicos e brutais; os faunos também são de algum modo aparentados com os sátiros e os bodes, mas têm pernas humanas, embora nada fiquem a dever àquelas ao seu gosto pelo vinho e pelos prazeres lascivos.

O bode tem um relevante papel na demonologia da Idade Média. Os cristãos viram neles seres saídos de uma terrível promiscuidade. Por isso o bode passou a ser a expressão viva da luxúria e o diabo tomava muitas vezes a sua forma. Os Judeus, na festa da Expiação, levavam ao grande sacerdote um bode que era carregado com todas as iniquidades e maldições de Israel que se pretendiam afastar do povo. Conduziam-no em seguida aos confins do deserto onde o abandonavam depois de o enxotarem no meio dos gritos da multidão.

O bode-deus pagão e seus sucedâneos, são, ao que parece animais de pelo

4

escuro, se não negro. Mas o bode expiatório certamente não o era; o da Angelina, vítima inocente da maldade humana, é branco de neve. Branco como a açucena, símbolo da pureza.

5

ANGELINA E O BODE

A casa de Angelina, retirada da aldeia, era conhecida pela casa grande embora não passasse, como as demais, de morada rústica, em pedra, com treços caiados; apenas maior, bem maior, rodeada por vasta cerca murada, onde se recolhiam por bem tempo cabras e carneiros. Detrás dela os rediz e alpendradas sustidas por barrotes, todas as acomodações para quando os rigores do Inverno se abatiam sobre o povoado e a serra. O gado graúdo abrigava-se em ponto mais distante e ficava à guarda de um pastor.

Pouco antes de morrer, um dia em que os rebanhos, contidos pelas sebes, muros e moinhos, entupiam os caminhos, o pai chamara-a e dissera com a voz empolada de orgulho:

— Olha: tudo isto é teu; terras e gado. Grande volta o mundo havia de levar para que um dia conhecesses a pobreza, mesmo que desse aos animais algum mal ruim...

Com tanto de seu, filha única, bela, como havia de faltar-lhe pretendentes? Estava na mira de todos os homens, que gravitavam em seu redor como moscas à

Anexo D— Ficheiro em formato TXT da obra *Angelina e o Bode*.

Cláudia Avelar
Angelina e o Bode

«La haine va toujours à ce qu'on ne comprend pas.
pour l'instant, à ce qu'on n'accroche pas».

Michel Gofray

O que vou contar sucedeu algures, num lugar ermo e montanhoso. Então porque associo sempre tais factos à Itália? Por certo, por lá viver ao tempo em que transmitiram a história. Infelizmente não segui o programa televisivo desde o começo. Mas logo me causou uma profunda estranheza; não só por aquilo que ouvia como também por causa de quem o contava: uma mulher. Uma mulher bela, mas já não muito jovem. Aparentava quarenta, quarenta e tantos anos. O que nela sobretudo me surpreendia era o seu ar exótico. Passava-se sobre rochas, num cenário agreste, com trajes insólitos, esvoaçantes, transparentes, e uma enorme capelinha de palha fina. Falava em tom declamatório e tinha olhos e cabelos negros.

Como então a minha memória já não era o que tinha sido e não tomei quaisquer notas, do que ouvi apenas me ficou a certeza do nome da heroína, Angelina, e a da existência de um bode.

Só muitos anos mais tarde, concebi esta história: é toda ela fantasia. Também não faço a mínima ideia da região em que tudo se passava. Se excluirmos a hipótese desses eventos terem por cenário a Ibéria ou a Itália continentais, restam-nos ainda muitos cantos perdidos da Europa mediterrânea, onde, seguramente, poderiam ter-se verificado. Por que não os localizarmos na Turquia, na Grécia, em Chipre, na Sardenha, na Sicília, nas Baleares? Tampouco

3

sei capaz de precisar quando isso foi: se nos nossos dias, se há um século atrás. Quanto à fascinante narradora, só no fim do programa soube quem era: Leonor Fini. Fazia-a muito à imagem das suas deliciosas figuras femininas: etérea e loura. Se tivesse pensado no assunto dois minutos teria concluído que ela deveria ser o contrário daquilo que pintava. Pois não é sempre a nossa ideia de beleza que pretendemos mostrar e, normalmente, ela está no oposto daquilo que somos?

Desde a Antiguidade, o bode tem alimentado a imaginação do homem. Já no paganismo, Pan, deus dos pastores, das pastagens e dos bosques, meio-homem, meio-bode, era um dos deuses mais festejados. Mas também os sátiros, semi-deuses são meio-homens, meio-bodes, só que mais rústicos e brutais; os faunos também são de algum modo aparentados com os sátiros e os bodes, mas têm pernas humanas, embora nada fiquem a dever àquelas ao seu gosto pelo vinho e pelos prazeres lascivos.

O bode tem um relevante papel na demonologia da Idade Média. Os cristãos viram neles seres saídos de uma terrível promiscuidade. Por isso o bode passou a ser a expressão viva da luxúria e o diabo tomava muitas vezes a sua forma. Os Judeus, na festa da Expiação, levavam ao grande sacerdote um bode que era carregado com todas as iniquidades e maldições de Israel que se pretendiam afastar do povo. Conduziam-no em seguida aos confins do deserto onde o abandonavam depois de o enxotarem no meio dos gritos da multidão.

O bode-deus pagão e seus sucedâneos, são, ao que parece animais de pelo

4

escuro, se não negro. Mas o bode expiatório certamente não o era; o da Angelina, vítima inocente da maldade humana, é branco de neve. Branco como a açucena, símbolo da pureza.

5

ANGELINA E O BODE

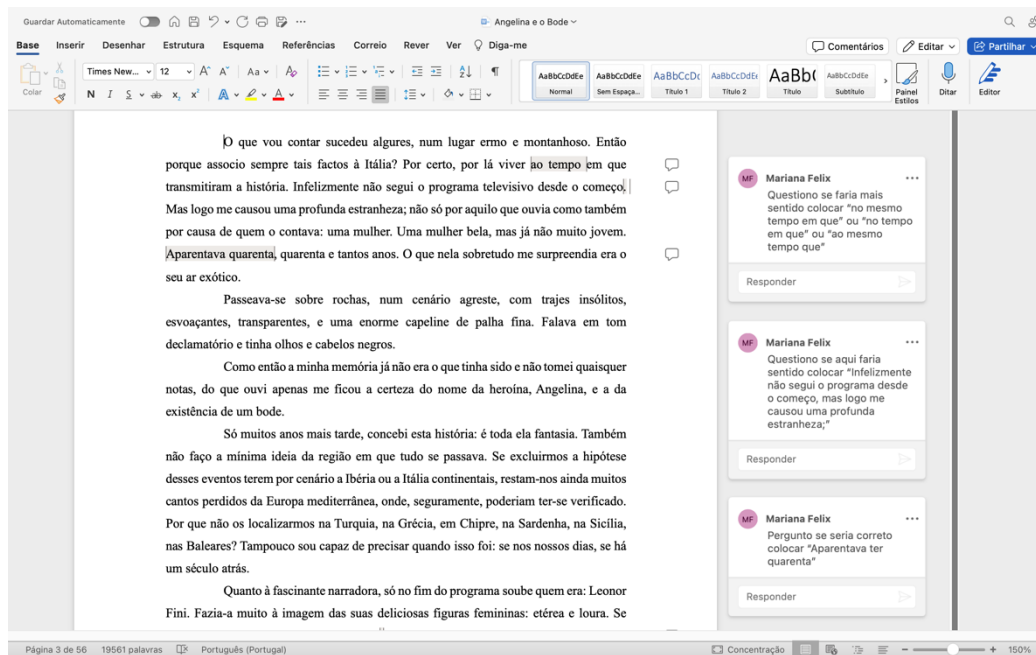
A casa de Angelina, retirada da aldeia, era conhecida pela casa grande embora não passasse, como as demais, de morada rústica, em pedra, com treços caiados; apenas maior, bem maior, rodeada por vasta cerca murada, onde se recolhiam por bem tempo cabras e carneiros. Detrás dela os rediz e alpendradas sustidas por barrotes, todas as acomodações para quando os rigores do Inverno se abatiam sobre o povoado e a serra. O gado graúdo abrigava-se em ponto mais distante e ficava à guarda de um pastor.

Pouco antes de morrer, um dia em que os rebanhos, contidos pelas sebes, muros e moinhos, entupiam os caminhos, o pai chamara-a e dissera com a voz empolada de orgulho:

— Olha: tudo isto é teu; terras e gado. Grande volta o mundo havia de levar para que um dia conhecesses a pobreza, mesmo que desse aos animais algum mal ruim...

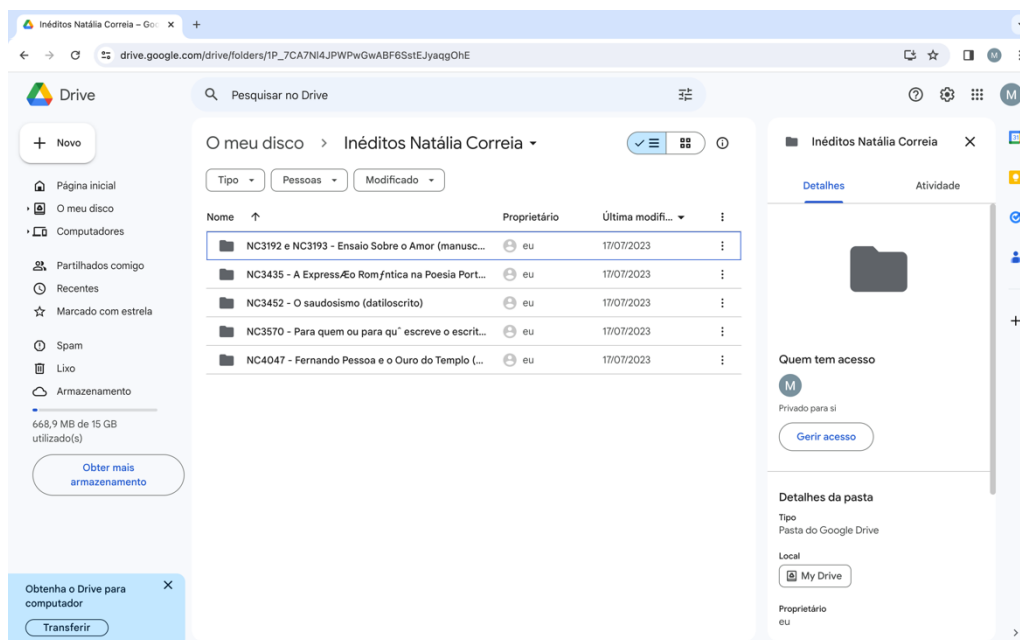
Com tanto de seu, filha única, bela, como havia de faltar-lhe pretendentes? Estava na mira de todos os homens, que gravitavam em seu redor como moscas à

Anexo D.1 – Numeração de cada página presente no formato TXT da obra *Angelina e o Bode*.

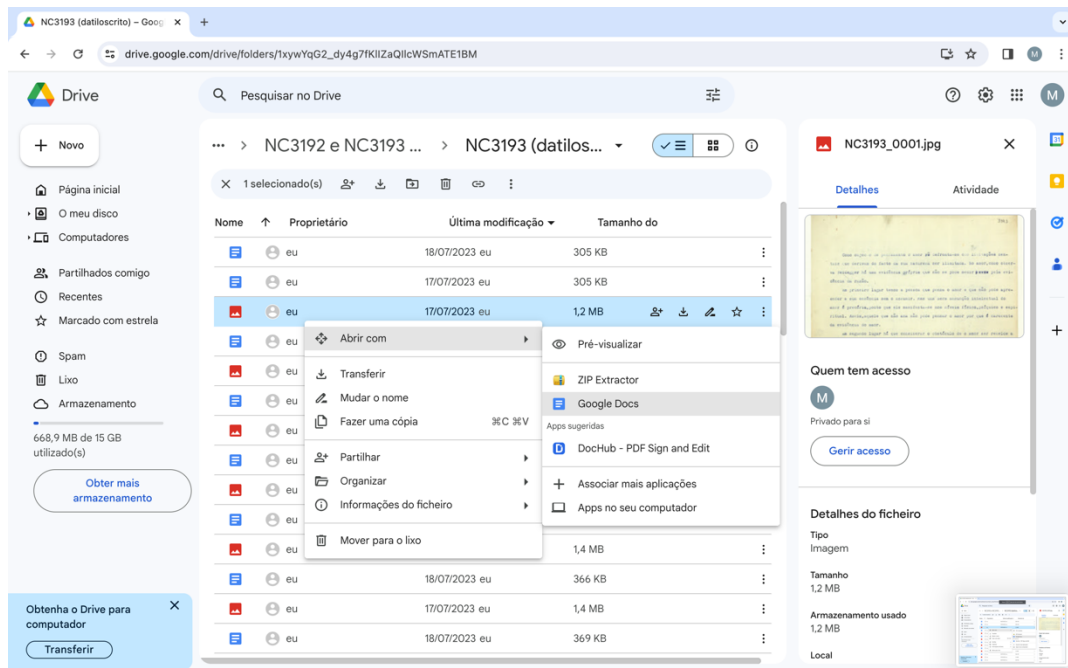


Anexo E – Documento Word criado por mim com base no ficheiro em formato TXT da obra *Angelina e o Bode*.

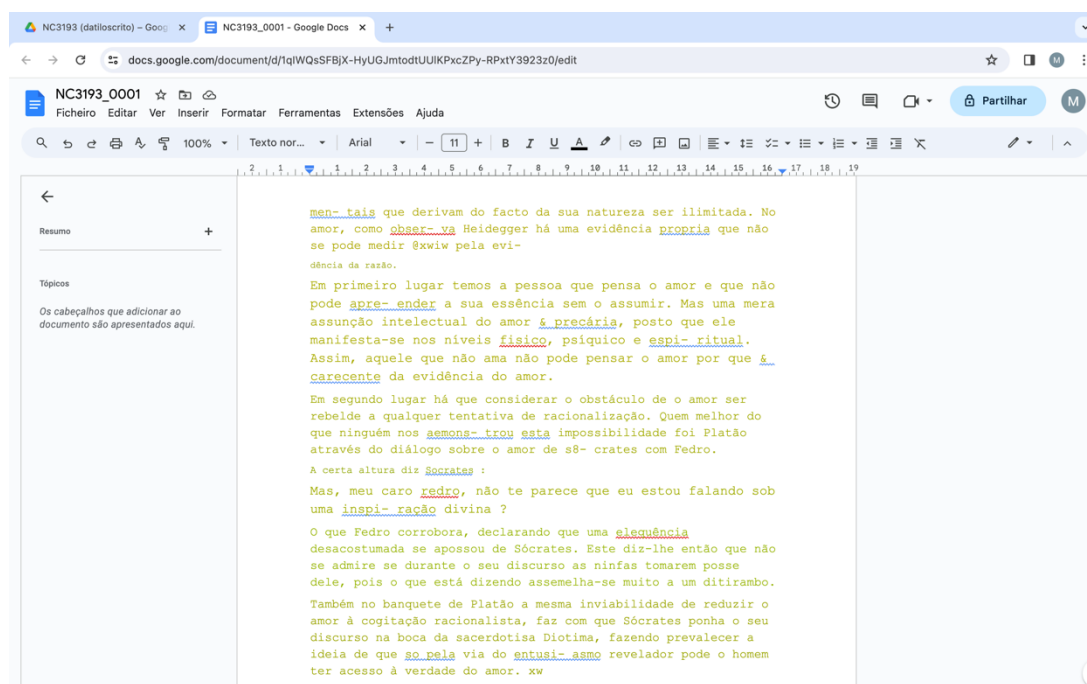
Grupo III – Datiloscritos Natália Correia



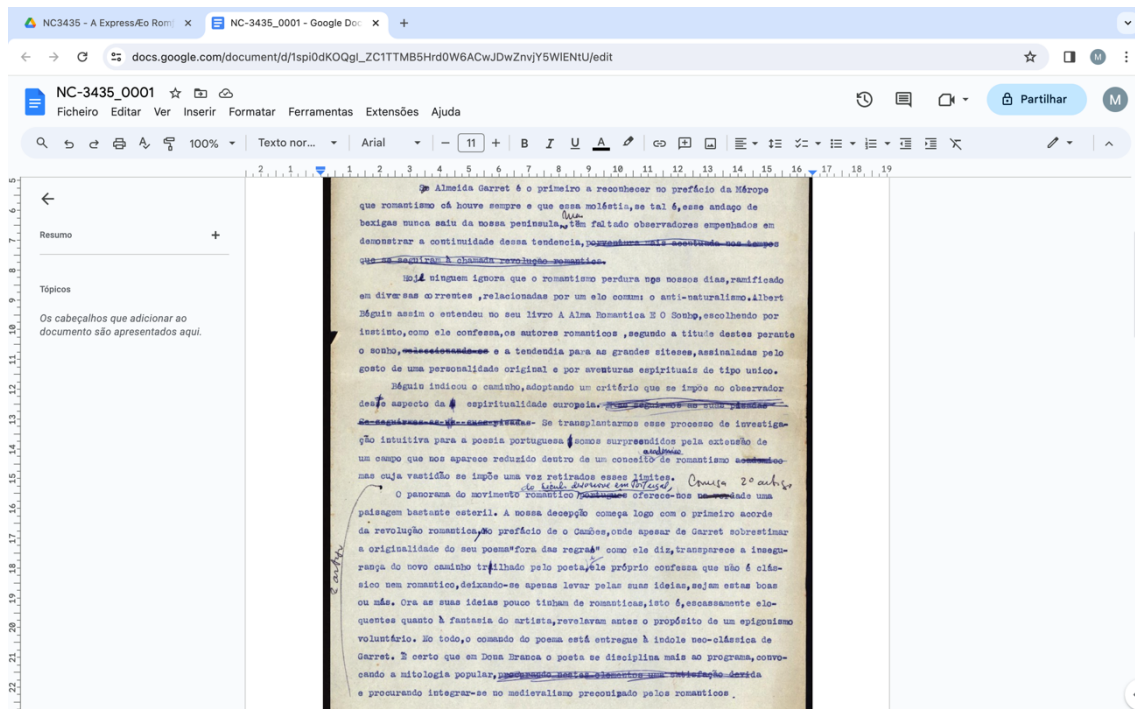
Anexo F – Datiloscritos de Natália Correia no Google Drive.



Anexo F.1 – Opção de abrir os ficheiros com o Google Docs.

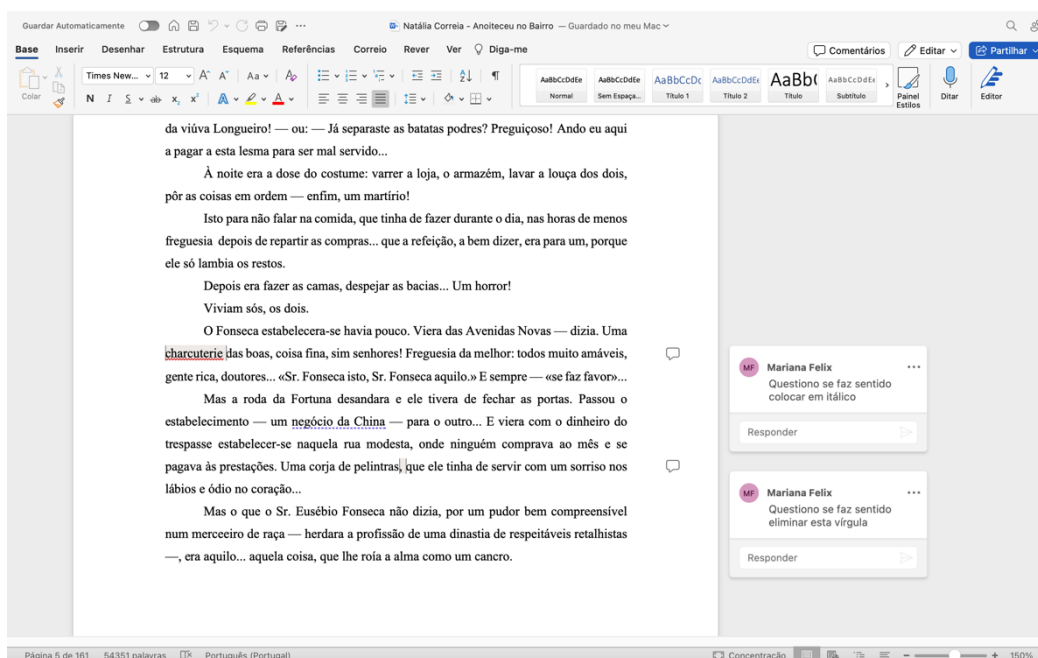


Anexo F.2 – Texto criado pelo Google Docs. a partir dos ficheiros digitalizados.

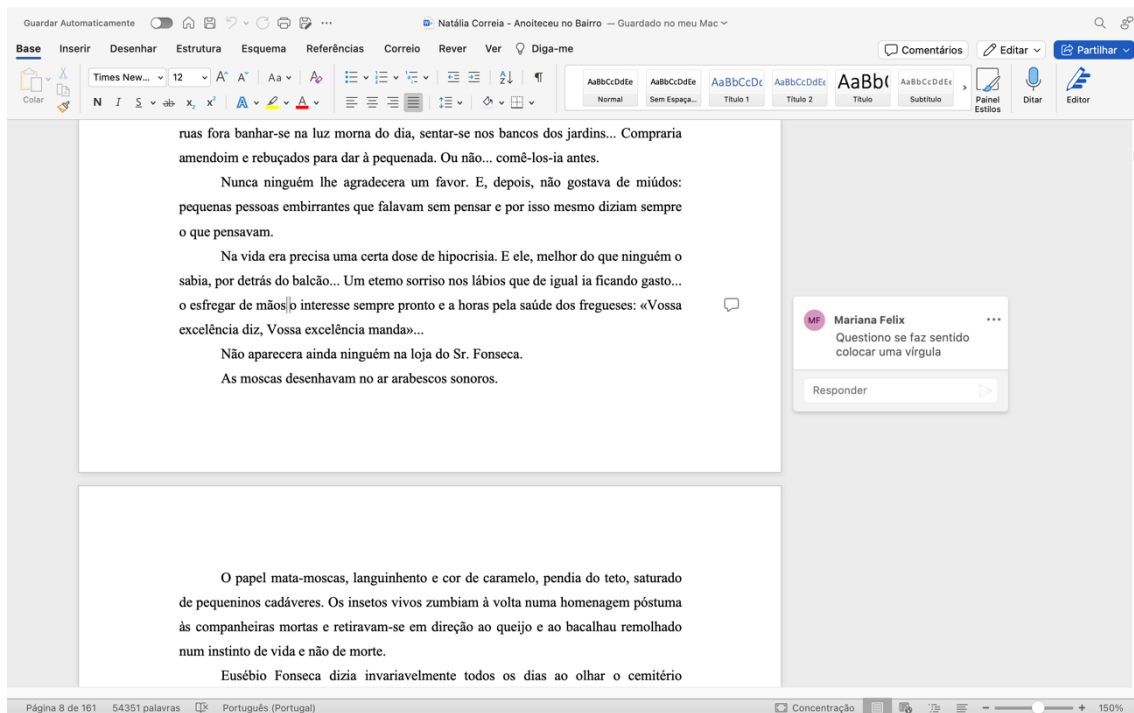


Anexo F.3 – Notas de Natália Correia presentes nos datiloscritos.

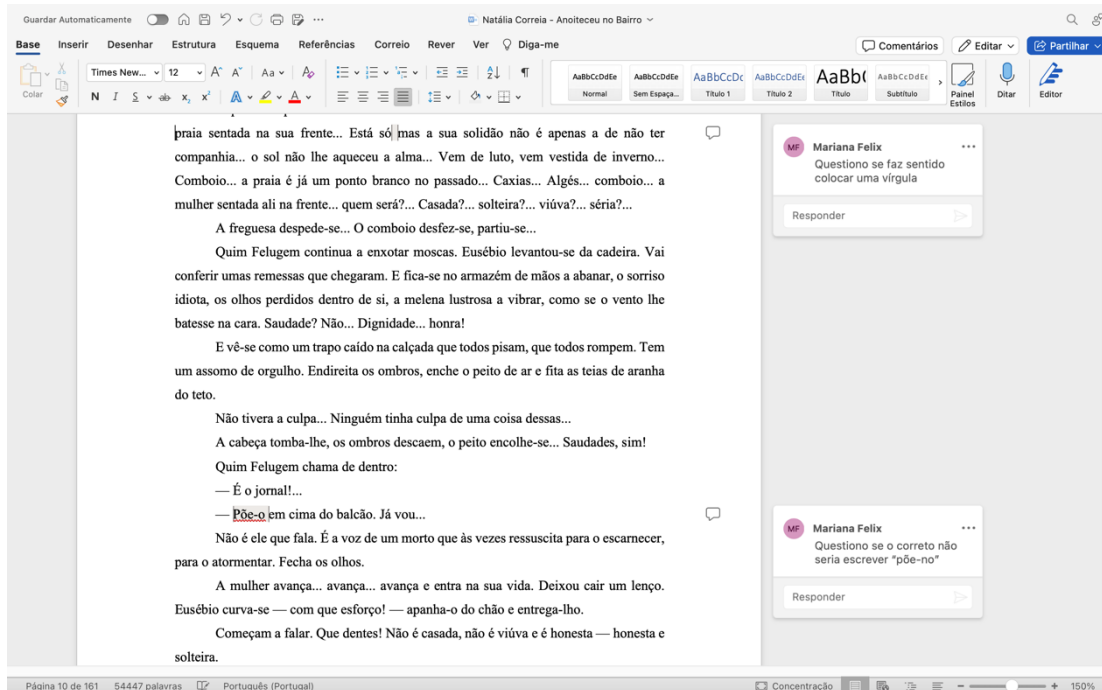
Grupo IV – Romances de Natália Correia (*A Estrela de Cada Um*, *Anoiteceu no Bairro* e *A Madona*)



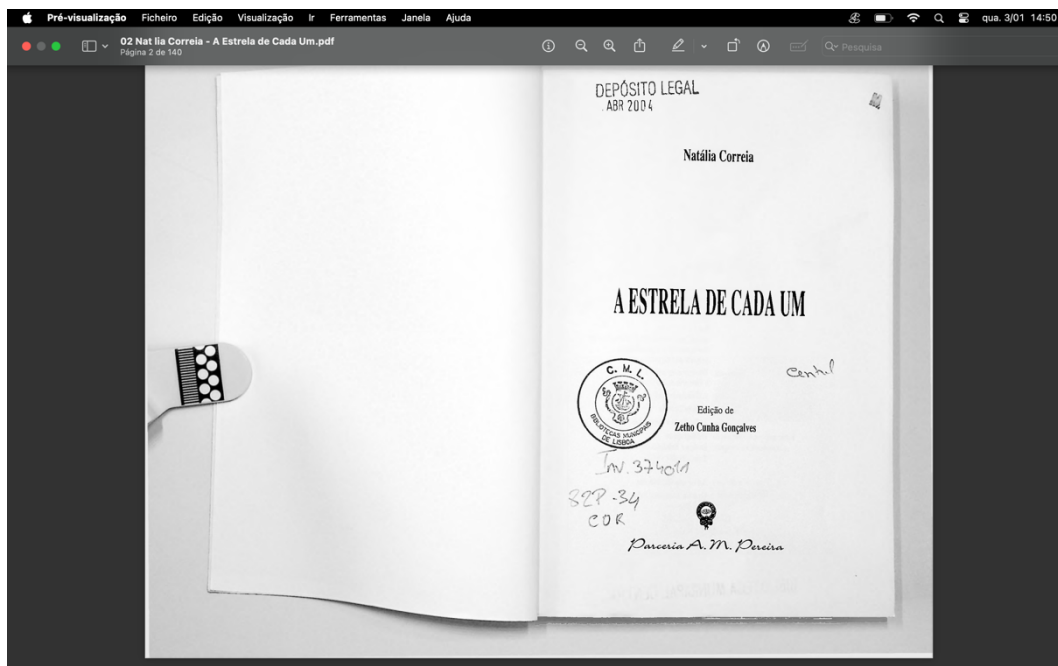
Anexo G – Sugestão de colocar palavra de origem francesa em itálico na obra *Anoiteceu no Bairro*.



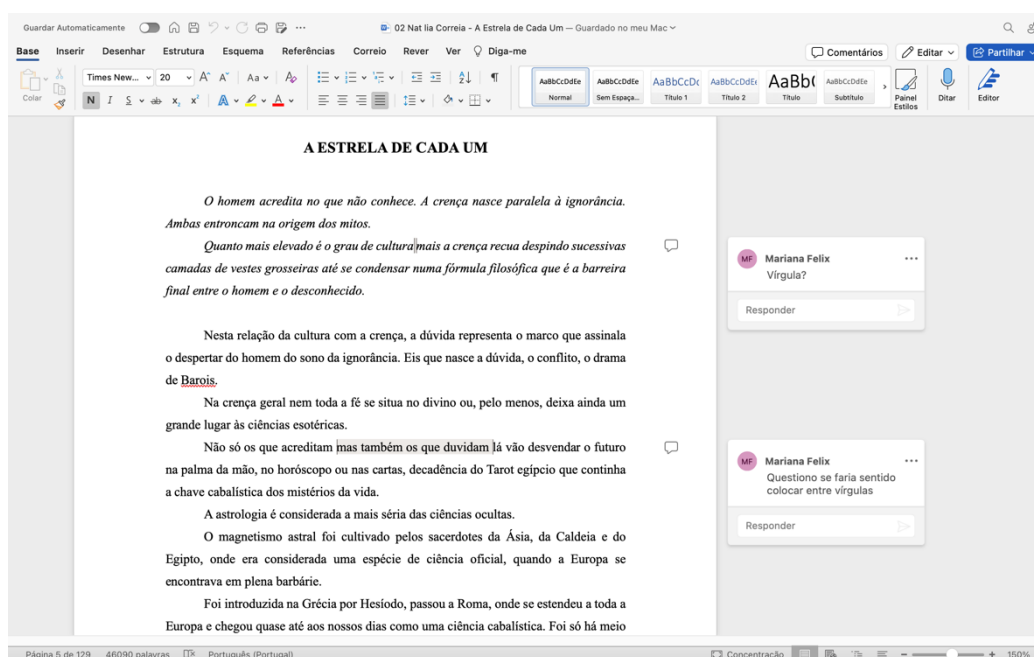
Anexo G.1 – Sugestão de inserção de vírgula na obra *Anoiteceu no Bairro*.



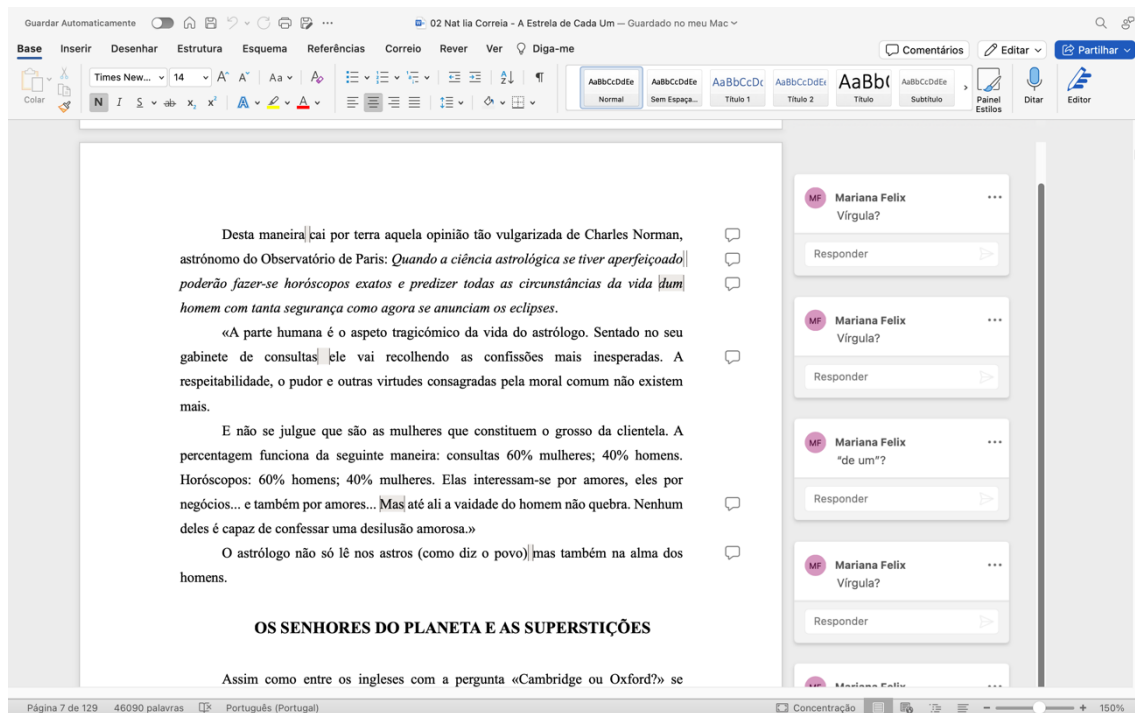
Anexo G.2 – Sugestão de inserção de vírgula e identificação de gralha na obra *Anoiteceu no Bairro*.



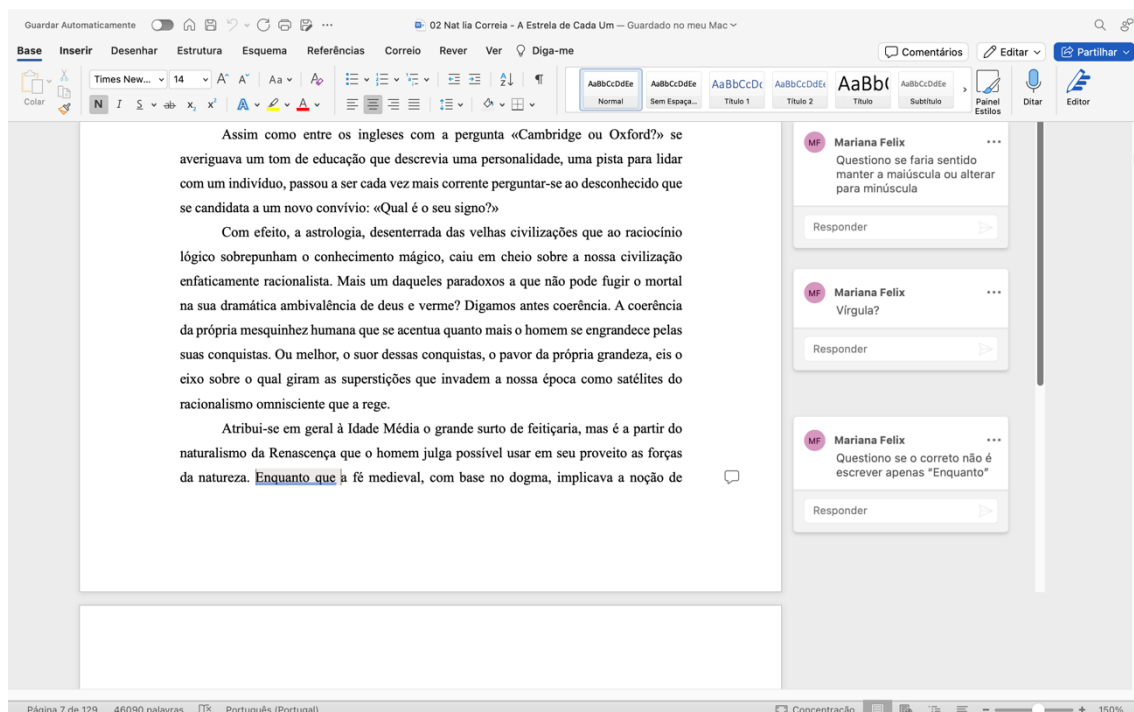
Anexo I – Ficheiro PDF da digitalização da obra *A Estrela de Cada Um*.



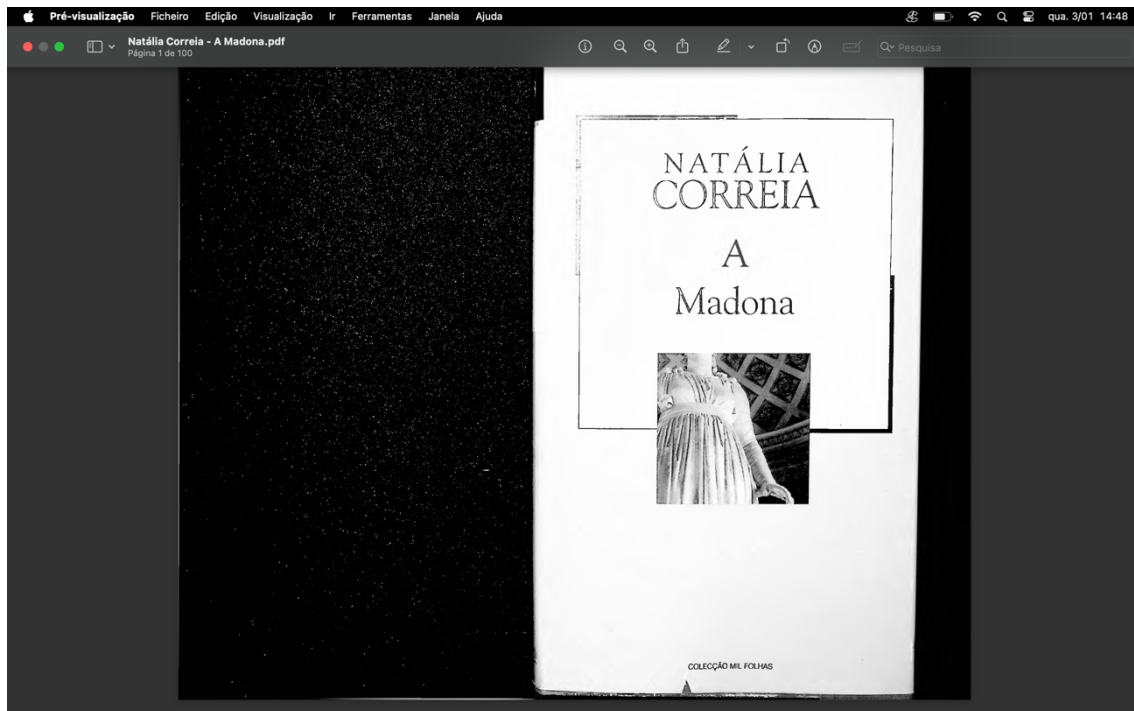
Anexo J – Sugestão de inserção de vírgula em frases da obra *A Estrela de Cada Um*.



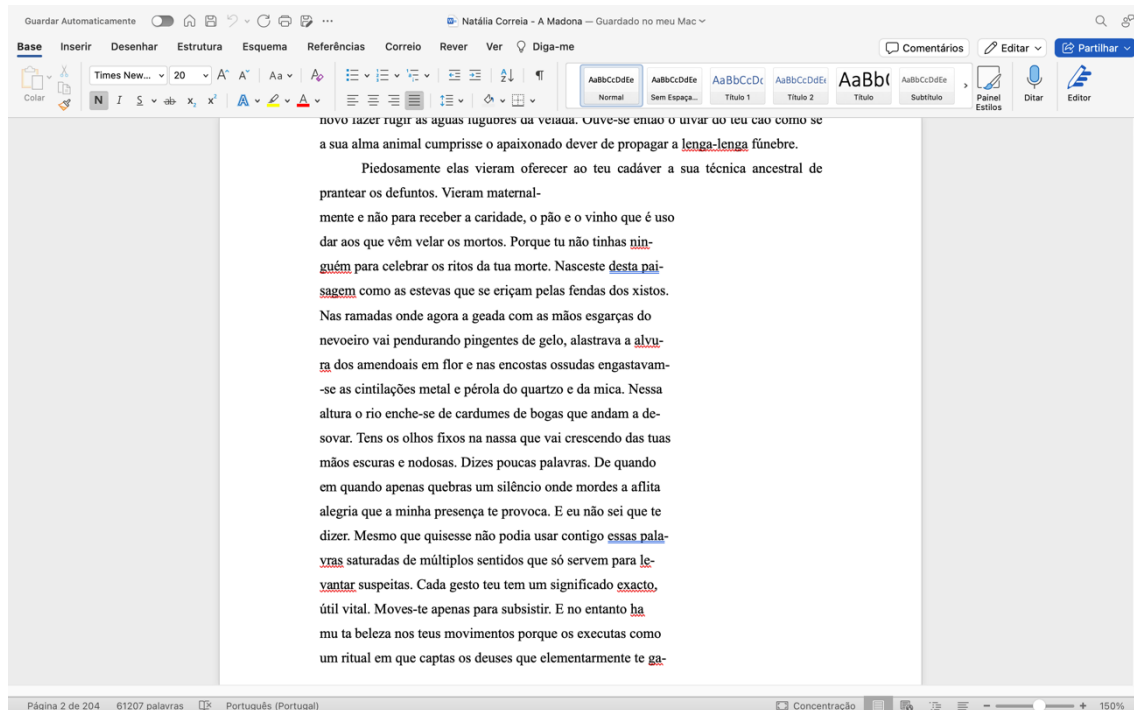
Anexo J.1 – Sugestão de inserção de vírgulas e identificação de gralhas nas frases da obra *A Estrela de Cada Um*.



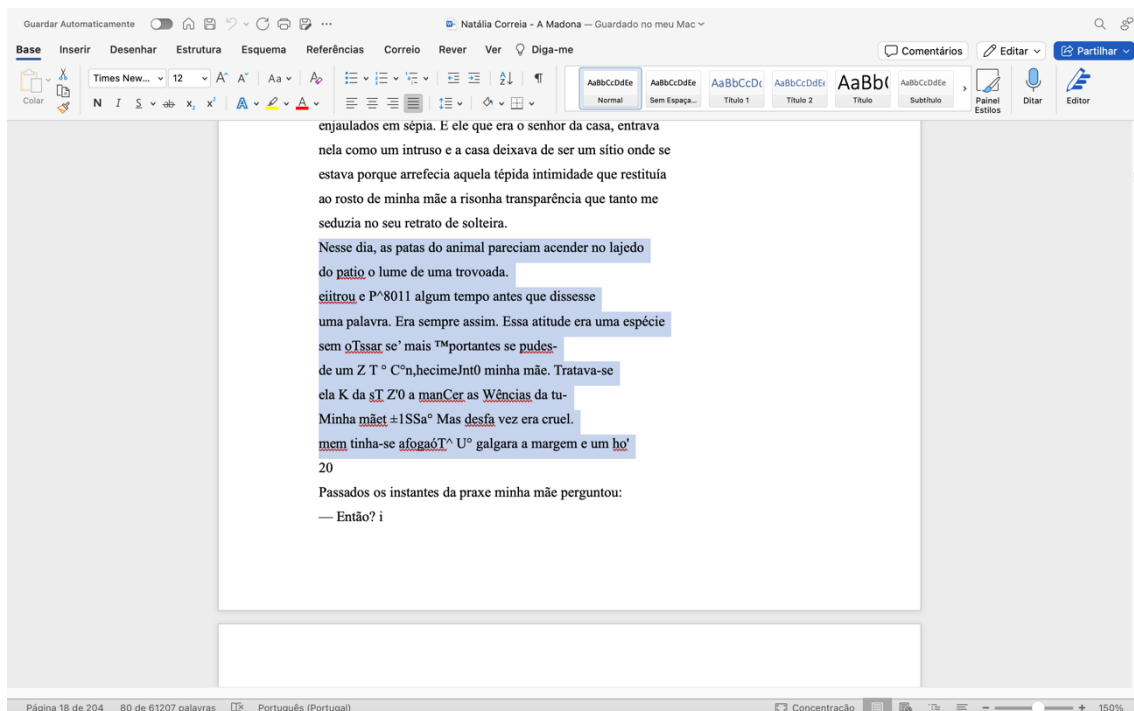
Anexo J.2 – Identificação de gralha numa frase de *A Estrela de Cada Um*.



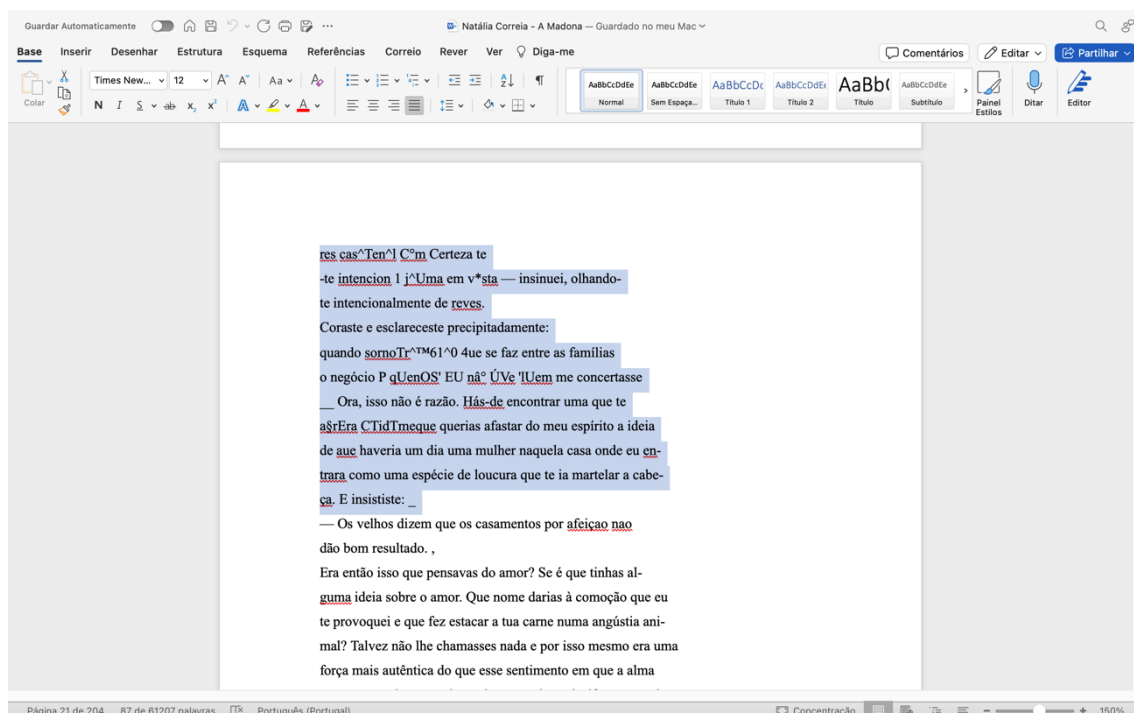
Anexo K – Ficheiro PDF da digitalização de *A Madona*.



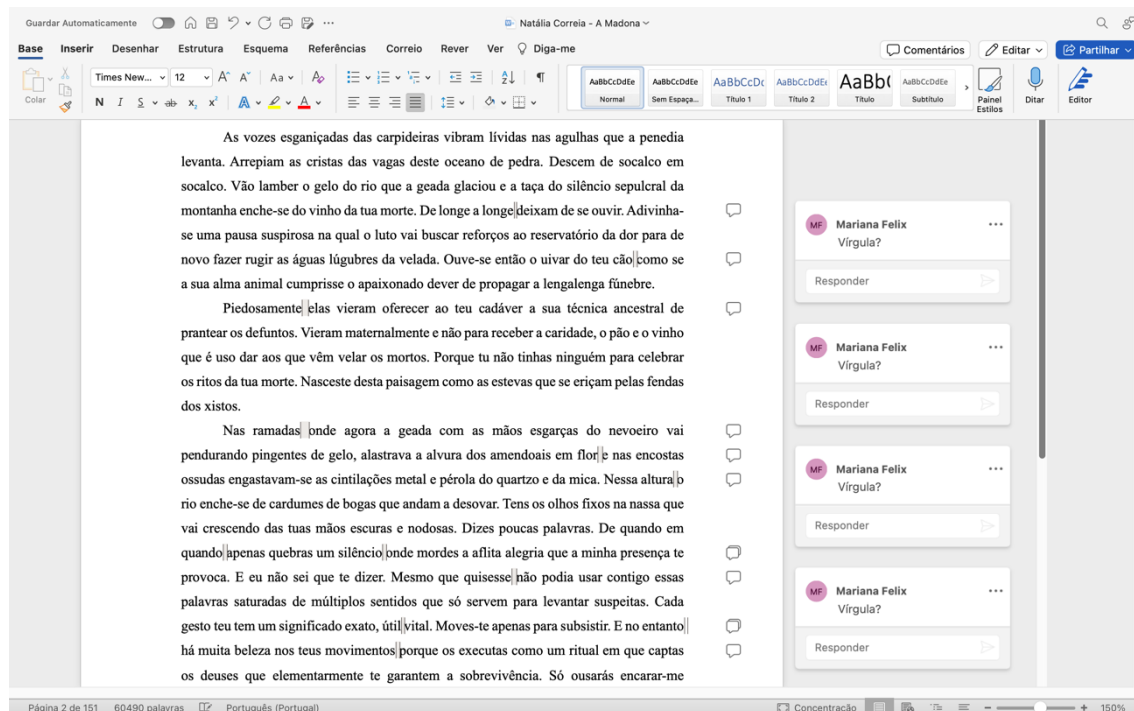
Anexo L – Exemplo de frases separadas no ficheiro Word de *A Madona*.



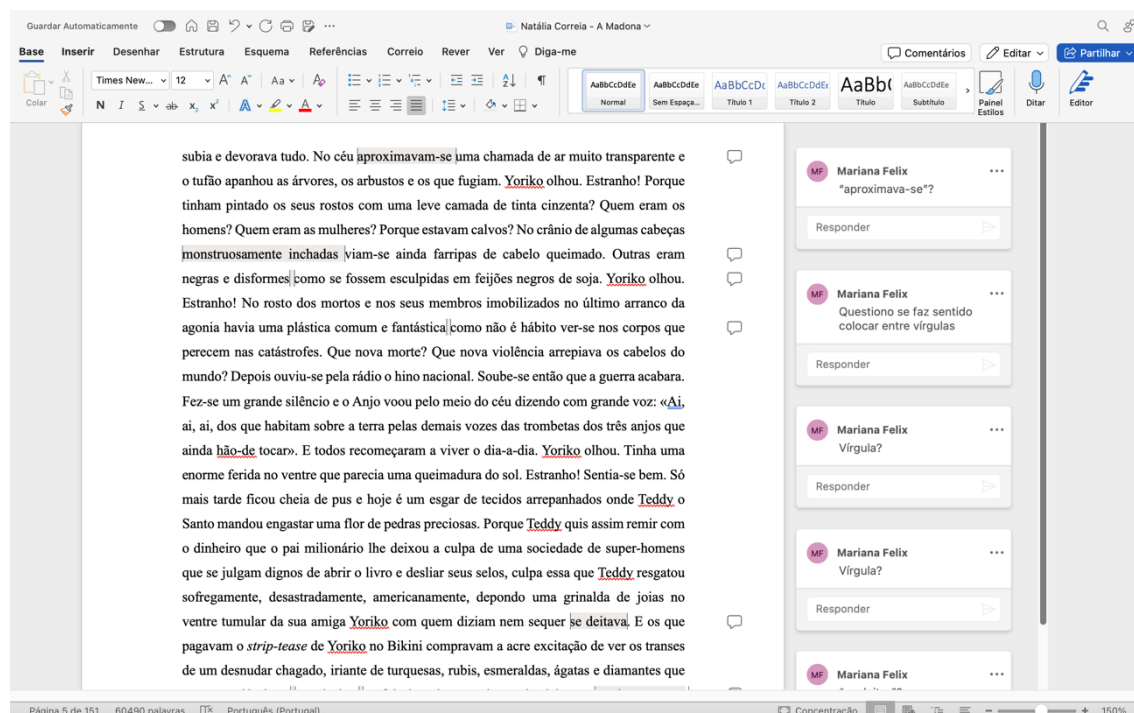
Anexo L.1 – Desformatação do corpo do texto do ficheiro Word da obra *A Madona*.



Anexo L.2 – Segundo exemplo de desformatação do corpo do texto do ficheiro Word da obra *A Madona*.

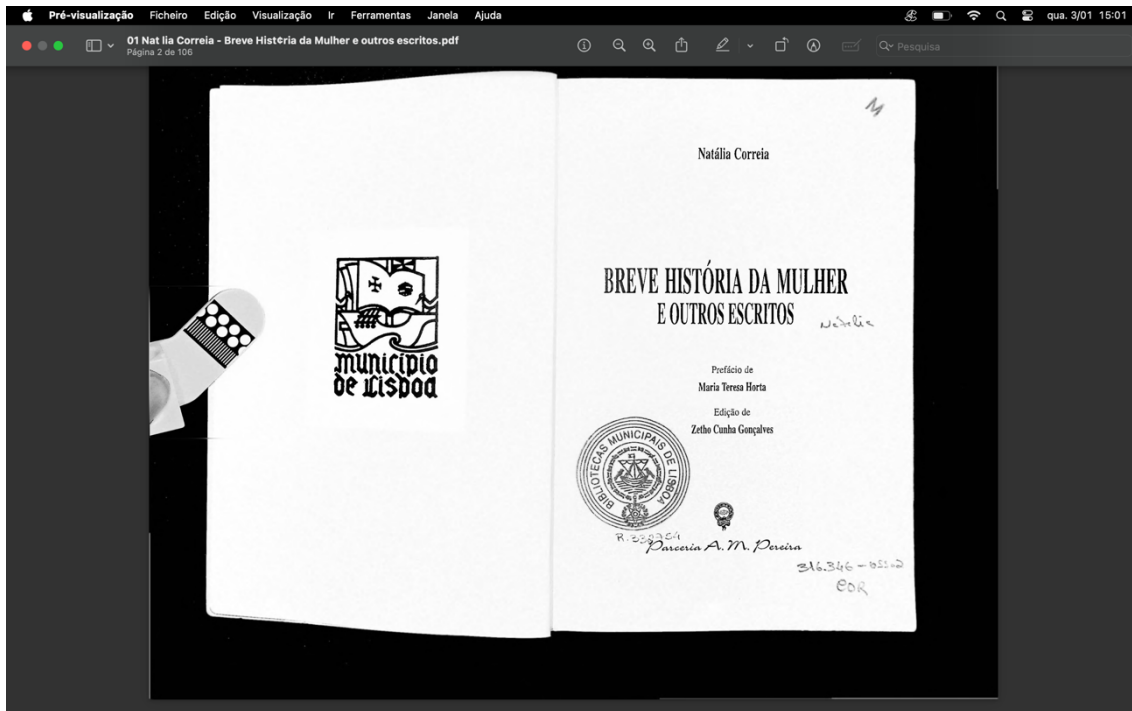


Anexo M – Sugestão de inserção de vírgula em frases de *A Madona*.

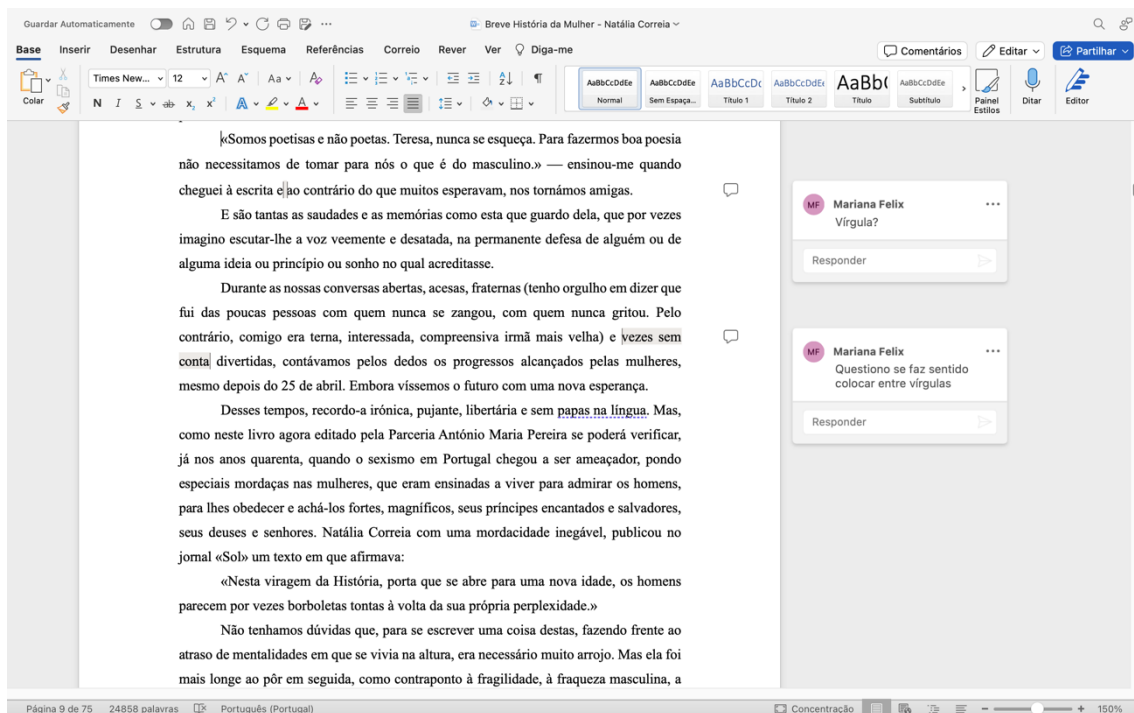


Anexo M.1 – Identificação de gralhas e sugestão de inserção de vírgula em frases de *A Madona*.

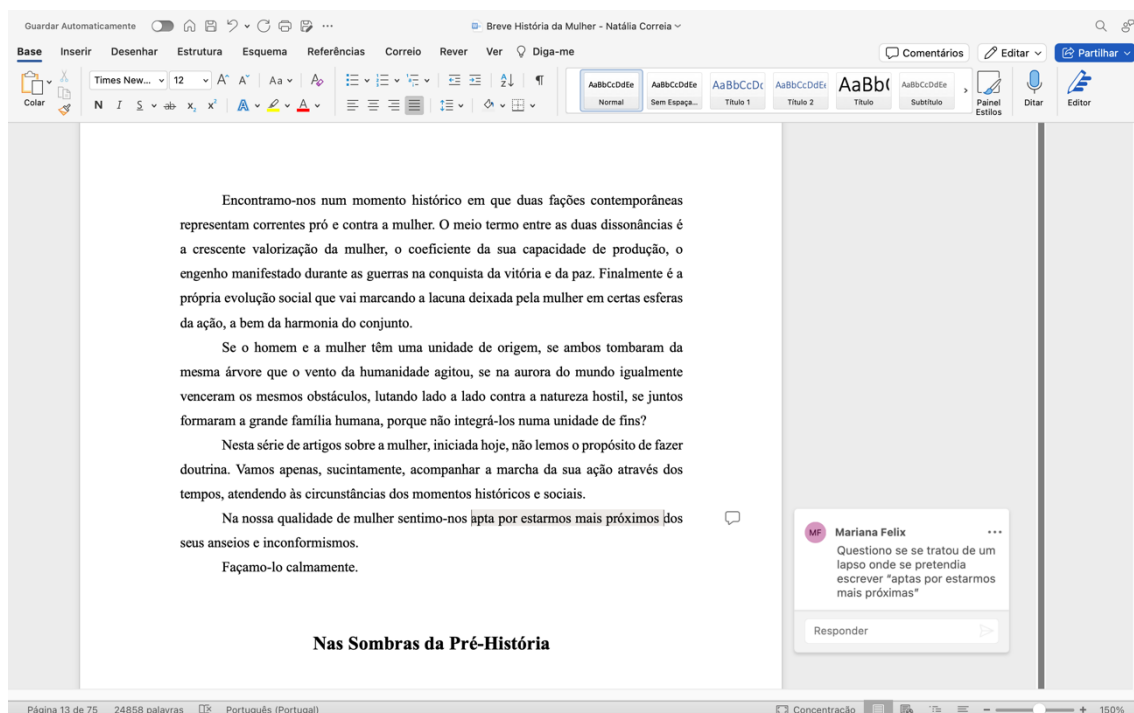
Grupo V – Breve História da Mulher e Outros Escritos



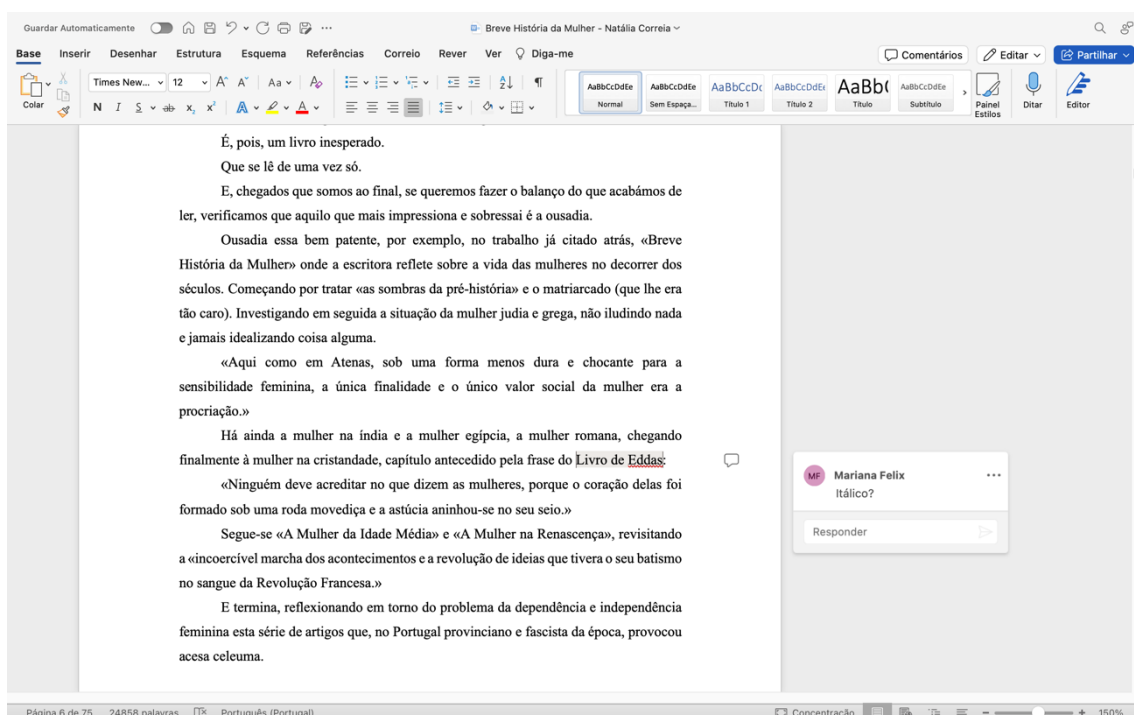
Anexo N – Ficheiro PDF da digitalização da obra *Breve História da Mulher e Outros Escritos*.



Anexo O – Sugestão de inserção de vírgula.



Anexo O.1 – Identificação de uma gralha.



Anexo O.2 – Sugestão de colocação de itálico.